

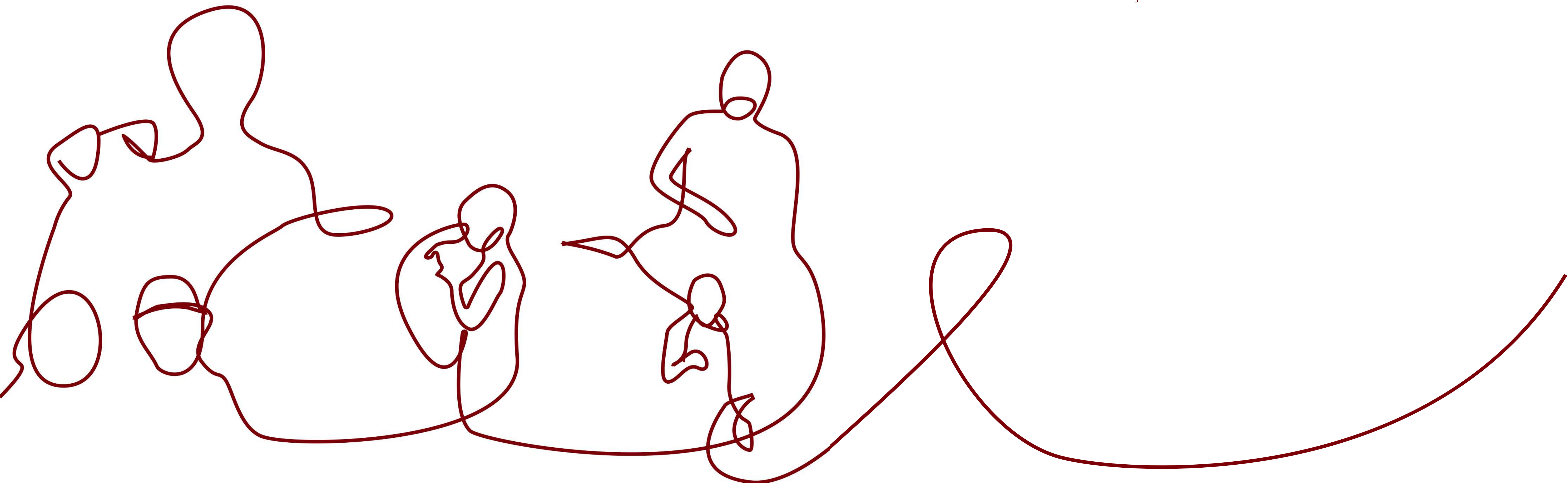
RAÍZES DO TERRITÓRIO

educação e identidade na vila soma



RAÍZES DO TERRITÓRIO

educação e identidade na vila soma



ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

RAÍZES DO TERRITÓRIO

educação e identidade na vila soma

joyce gabriele pereira gonçalves

paulo César castral (orientador)
aline coelho sanches
gisela cunha viana leonelli
joubert José lancha
luciana bongiovanni martins schenk
(comissão de acompanhamento permanente)

amanda saba ruggiero
orientadora da comissão do grupo temático

são carlos
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Joyce Gabriele Pereira
Raízes do Território: educação e identidade na
vila soma / Joyce Gabriele Pereira Gonçalves. -- São
Carlos, 2024.
92 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Identidade . 2. Memória. 3. Escola. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

AOS MEUS PAIS, QUE TORNARAM O MUNDO MELHOR PARA MIM;
AOS MEUS SOBRINHOS, PARA QUEM ESPERO PODER TORNAR O MUNDO MELHOR."

AGRADECIMENTOS

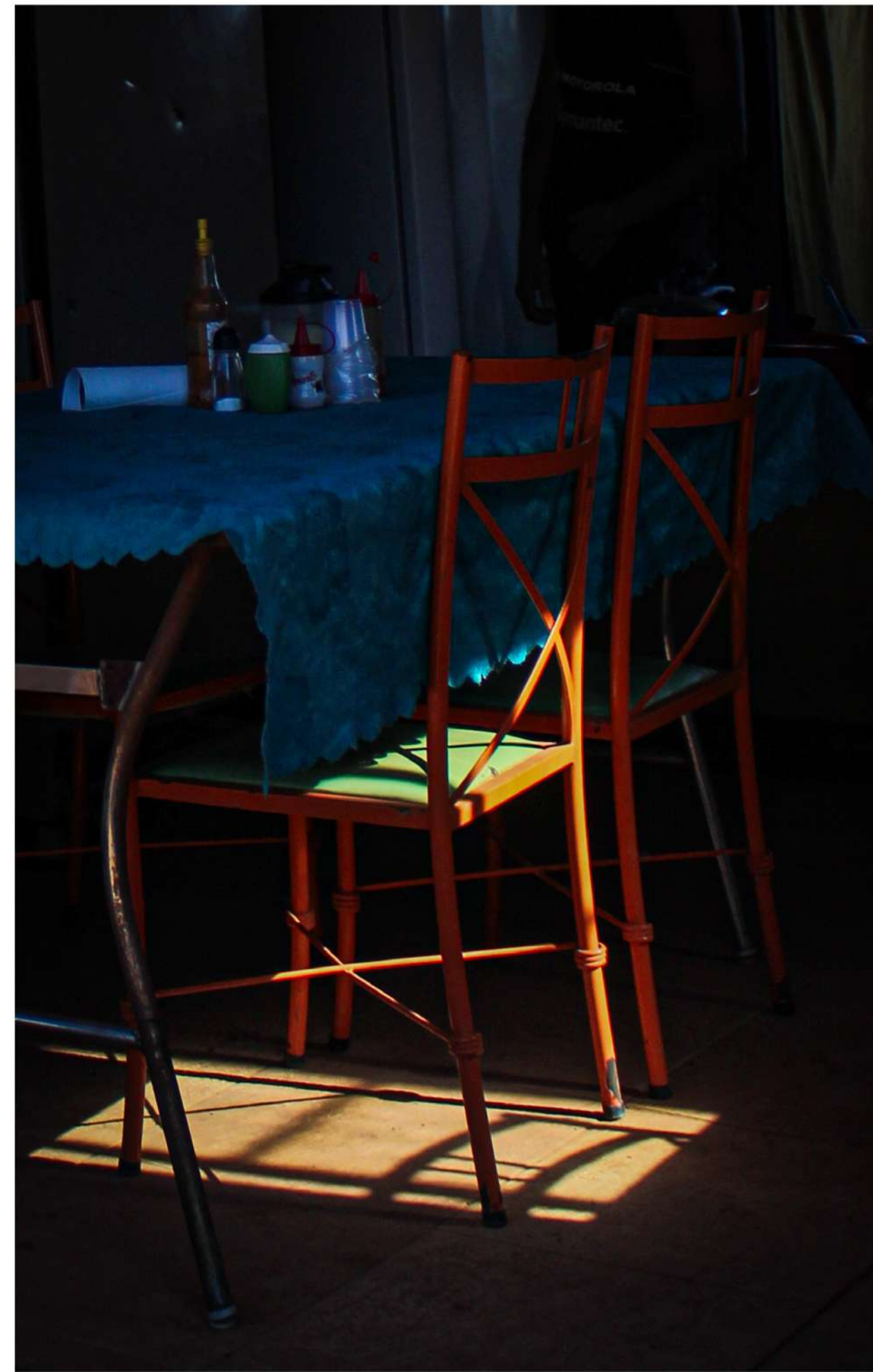
Quando eu tinha 17 anos e sonhava em estudar na USP, esse sonho parecia muito distante. Quando, enfim, entrei na USP em 2019, era o ano de 2024 que parecia tão longe. Hoje, aqui estou, finalizando um processo que durou seis anos – um ano a mais do que o esperado. Foram seis anos de aprendizado e, acima de tudo, de sonhos. Agora encerro um ciclo, com um frio na barriga e incertezas sobre o futuro. Bem, seis anos atrás eu também me sentia assim.

Levo comigo tudo que a USP me proporcionou: conhecimentos, senso crítico e relações. Agradeço a todos que fizeram parte desse processo. Meu agradecimento vai ao corpo docente e aos funcionários do IAU, pois nunca desejei estar em outro lugar. Um agradecimento especial aos meus orientadores, Amanda Saba Ruggiero e Paulo César Castral, por me guiarem nesse processo tão único quanto o final da graduação. Com vocês, aprendi muito.

Agradeço a toda e qualquer pessoa do formigueiro Vila Soma, especialmente aqueles que me receberam, me responderam e permitiram que eu registrasse uma parte de seu ser .

Aos meus amigos, tive a sorte de conhecê-los e agradeço a Deus por permitir que entrassem na minha vida, pois tornam minha rotina mais leve, feliz e plena. É claro que também não posso deixar de ser grata às minhas companheiras de vida, Giovana e Vitória, que estão comigo nesses quase 10 anos de amizade, apoio, carinho e decisões, muitas vezes imediatas e imprudentes. Mas, afinal, somos jovens, e com certeza eu faria outra tatuagem com vocês, meninas.

Por fim, agradeço à minha família: ao meu irmão, Kennedy, por ser sempre uma referência de ser humano; às minhas tias, que sempre estiveram ao meu lado; e, imensamente e profundamente, aos meus pais, Edna e Nedilson, pelo amor e apoio incondicional, pela preocupação e compreensão. Sem vocês, eu não estaria aqui. Tudo isso é por vocês.



IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

O projeto aborda a discussão sobre as questões identitárias de um lugar. Sabe-se que as relações sociais não são homogêneas e, portanto, os atritos entre os diversos grupos são inevitáveis. Historicamente, ocorreram diversos movimentos de avanços e resistências nos núcleos sociais que compõem ou compuseram a história da humanidade. Tais movimentos, caracterizados por atritos e adversidades, de forma tensionada, conduziram aos dias atuais: um cenário propício para determinadas circunstâncias e situações adversas que resultaram em uma crise de identidade em diversos povos.

De acordo com Castells, no livro *O Poder da Identidade* (2018), identidade se caracteriza como uma fonte de significado e experiência para os indivíduos, sendo construída a partir do processo social. Contudo, o autor ressalta a diferença entre os papéis sociais e a identidade em si. Enquanto os papéis sociais estão relacionados às funções desempenhadas na sociedade, a identidade é internalizada. Dessa forma, Castells identifica e caracteriza três formas de construção de identidade: Identidade Legitimadora, criada pelas instituições dominantes para justificar ou expandir seu poder; Identidade de Resistência, desenvolvida por indivíduos marginalizados, excluídos ou oprimidos na lógica de poder, como forma de resistir às condições adversas e preservar seus valores e tradições; e, por fim, Identidade Projetada (ou Identidade de Projeto), criada por indivíduos ou grupos que, baseados em suas experiências culturais e/ou sociais, buscam redefinir e transformar sua po-

sição na sociedade a partir da construção de uma nova identidade, com o objetivo de transformar as estruturas existentes. Assim, Castells (2018) argumenta que apagar, construir ou perpetuar uma identidade e suas manifestações pode ocorrer de forma espontânea ou como um projeto de uma elite ou de um povo.

No livro *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo* (2009), Kabengele Munanga discute a identidade afro-brasileira e suas contribuições para a identidade cultural brasileira como um todo. Com enfoque racial, o autor argumenta que as tensões nas relações de poder na sociedade, assim como os processos de inclusão e exclusão de diversos elementos, são responsáveis por valorizar ou marginalizar certos traços de identidade. Aspectos como o racismo estrutural, por exemplo, dificultam ainda mais a consolidação de uma identidade negra no Brasil. Munanga sustenta que, apesar das tentativas de apagamento, a identidade afro-brasileira é fruto de uma resistência e recriação histórica – como discutido por Castells (2018) – visando a perpetuação de seus costumes e ancestralidade. O cerne das questões identitárias trazidas por Munanga (2009) é: a identidade é uma construção social e histórica que se transforma ao longo do tempo e é diretamente influenciada por fatores como diversidade cultural, história e as interações sociais. Tudo isso, somado às vivências e à memória, individuais ou coletivas, relacionadas a um determinado lugar, está diretamente ligado aos afetos identitários, imbuídos de valores, simbologias e sentimentos, responsáveis por perpetuar as

relações sociais estabelecidas nos contextos em questão.

Da mesma forma, Vera Dodebei (2006) argumenta que o sentimento de pertencimento, proveniente da relação e constituição de um determinado grupo, garante uma identidade entrelaçada às tradições, crenças, técnicas e saberes compartilhados em uma comunidade, passados de geração em geração. Neste contexto, os que herdaram esses saberes tendem a adicionar sua própria experiência à memória coletiva, repassando-os como uma espécie de reforma de determinada tradição.

Uma memória coletiva subjugada nas relações de poder tende a ser apagada ou deturpada pelos grupos dominantes, sendo esta a epítome da distinção entre memória e história, como discutido por Pierre Nora no artigo “Entre a Memória e a História: A Problemática dos Lugares” (1993). No artigo, Nora trata o significado de memória e história como dois polos opostos. Enquanto a primeira se refere a algo vivo, em constante construção e evolução, a segunda se trata de uma reconstrução incompleta, calcada na destruição de memórias, com o objetivo de criar uma visão objetiva e legítima, seja isso feito conscientemente ou não. Para Nora (1993), é natural o elo entre identidade e memória, pois a crescente valorização das memórias se deve a uma busca por autenticidade e pertencimento em meio ao mundo globalizado, que, diante da homogenização promovida pelo capitalismo global, afeta a formação de identidades locais, étnicas e culturais (CASTELLS, 2018).

Tal busca se dá, entre muitas maneiras, a partir da valorização de aspectos materiais ou imateriais que compõem a memória de um determinado grupo. Em um mundo onde a transmissão espontânea de memória está cada vez mais escassa devido à globalização, os – chamados por Pierre – “lugares de memória” se caracterizam por espaços simbólicos onde a memória coletiva se cristaliza, resultado do processo consciente de tentar preservar uma memória viva que se perde. Esses lugares tornam-se focos de lembrança coletiva, alicerçados nas concepções identitárias e de pertencimento, que não são necessariamente homogêneos, podendo albergar espaços de disputas, nos quais diferentes narrativas podem divergir e coexistir.

Assim, no projeto, busca-se desvendar o sentimento identitário dos moradores da Vila Soma, ocupação urbana recentemente regularizada na cidade de Sumaré - SP. Pretende-se explorar os nós de tensão entre o passado e o presente do bairro, a hierarquia de memórias e as relações de poder, investigando o que existiu, o que resistiu e seus atritos, olhando para além da perspectiva puramente histórica e mais ligada à Vila Soma como um “*local de memória*”. O desafio em questão é como, por meio da arquitetura, ressaltar a identidade e o sentimento de pertencimento da população da Vila Soma – ou apenas O Soma – explorando sua memória de resistência e criando, a partir disso, um espaço comunitário que não apenas evoque, mas também perpetue tais sentimentos.

IDENTIDADE

PERTENCIMENTO

NOSSO TERRITÓRIO, NOSSA TERRA

TERRA

TRADIÇÃO

RESISTÊNCIA

NARRATIVA SOCIAL

AMPARO

AFETO

MEMÓRIA

ATLAS MNEMOSYNE

O Atlas Mnemosyne, desenvolvido no início do projeto, teve a intenção de explorar as relações visuais da memória cultural que seria trabalhada ao longo do projeto, além das imagens e palavras encontradas a partir de um primeiro contato com o tema. Estabelecendo relações interdisciplinares nos campos da arquitetura e urbanismo, e adotando uma abordagem não linear, foram explorados elementos como memória, identidade, texturas, materialidades e narrativas, transmitindo visualmente significados emocionais e históricos, ainda antes de se aprofundar no território.

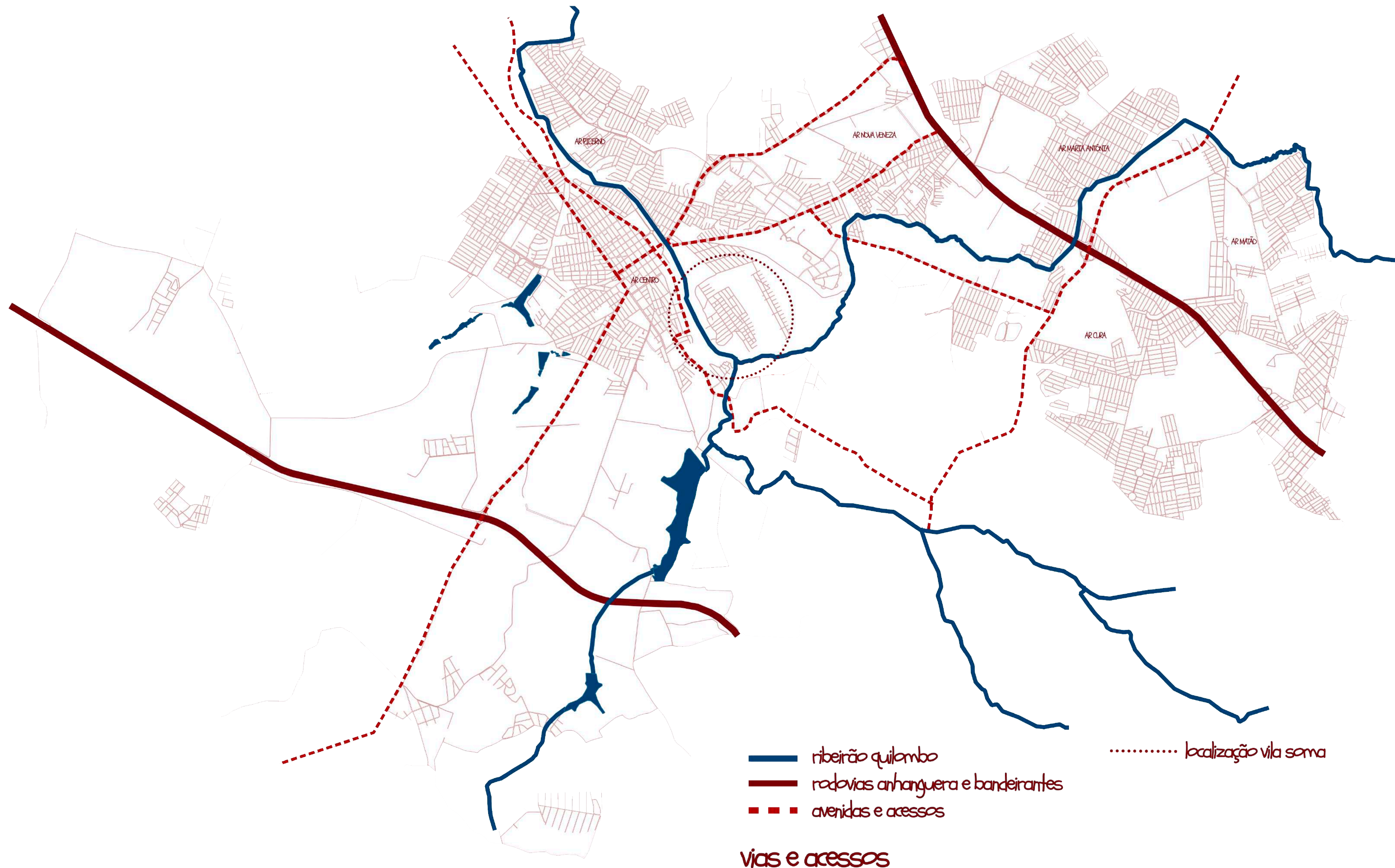
O atlas se aprofunda em temas como os antecedentes do território da Vila Soma, não se limitando ao passado imediato ou distante, mas também às relações das pessoas que ali vivem, às notícias sobre o lugar, às histórias de resistência e às suas lideranças.



O TERRITÓRIO

Sumaré, uma cidade de 153.465 km² conta com uma população de 279.545 habitantes, de acordo com o censo de 2022 (IBGE, 2022). Está organizada em sete Administrações Regionais (AR) sendo elas: AR Centro, AR Nova Veneza, AR Matão, AR Maria Antônia, AR Cura, AR Picerno e AR Rural. A cidade é atravessada pelo Ribeirão Quilombo, o qual tem sua nascente em Campinas e sua foz no Rio Piracicaba. Durante a pesquisa de dados da cidade, e utilizando as plataformas como QGis e os dados fornecidos pelo IBGE, mapeou-se a densidade demográfica por bairros, distribuição de equipamentos de saúde e educação e as principais vias de acesso à cidade.

Os mapas a seguir foram elaborados com a intenção de compreender, de forma objetiva, questões sobre o território e a relação do bairro com a cidade. A ocupação se iniciou em 2012 e está localizada no atual Jardim Paulistano, na divisa das AR Centro e AR Nova Veneza, em uma zona industrial abandonada de Sumaré. Metade do terreno ocupado pertencia à falida Soma Equipamentos Industriais, e a outra metade à Melhoramentos Agrícolas Vifer LTDA e a área estava abandonada há trinta anos quando se iniciou o processo de ocupação

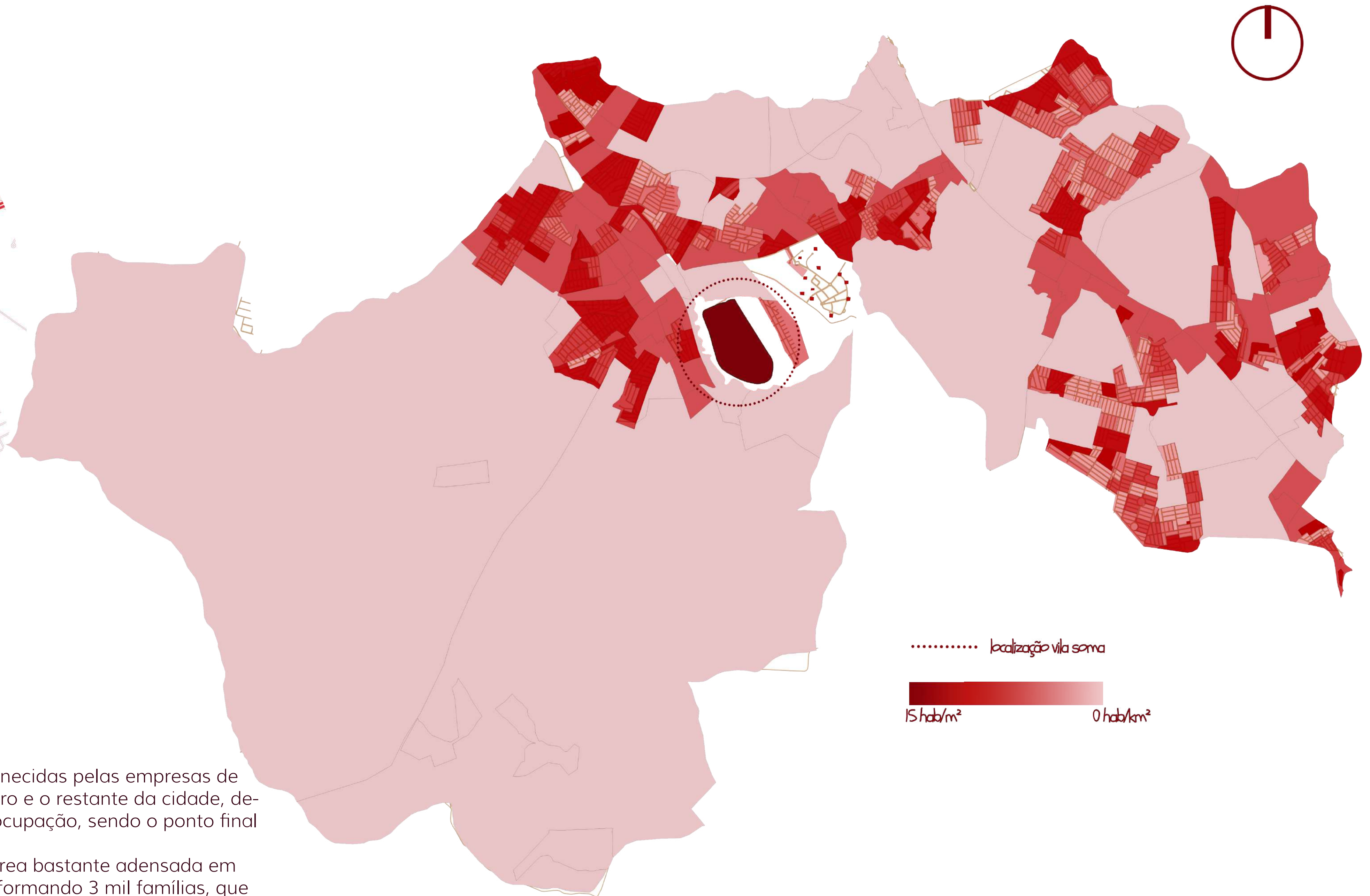


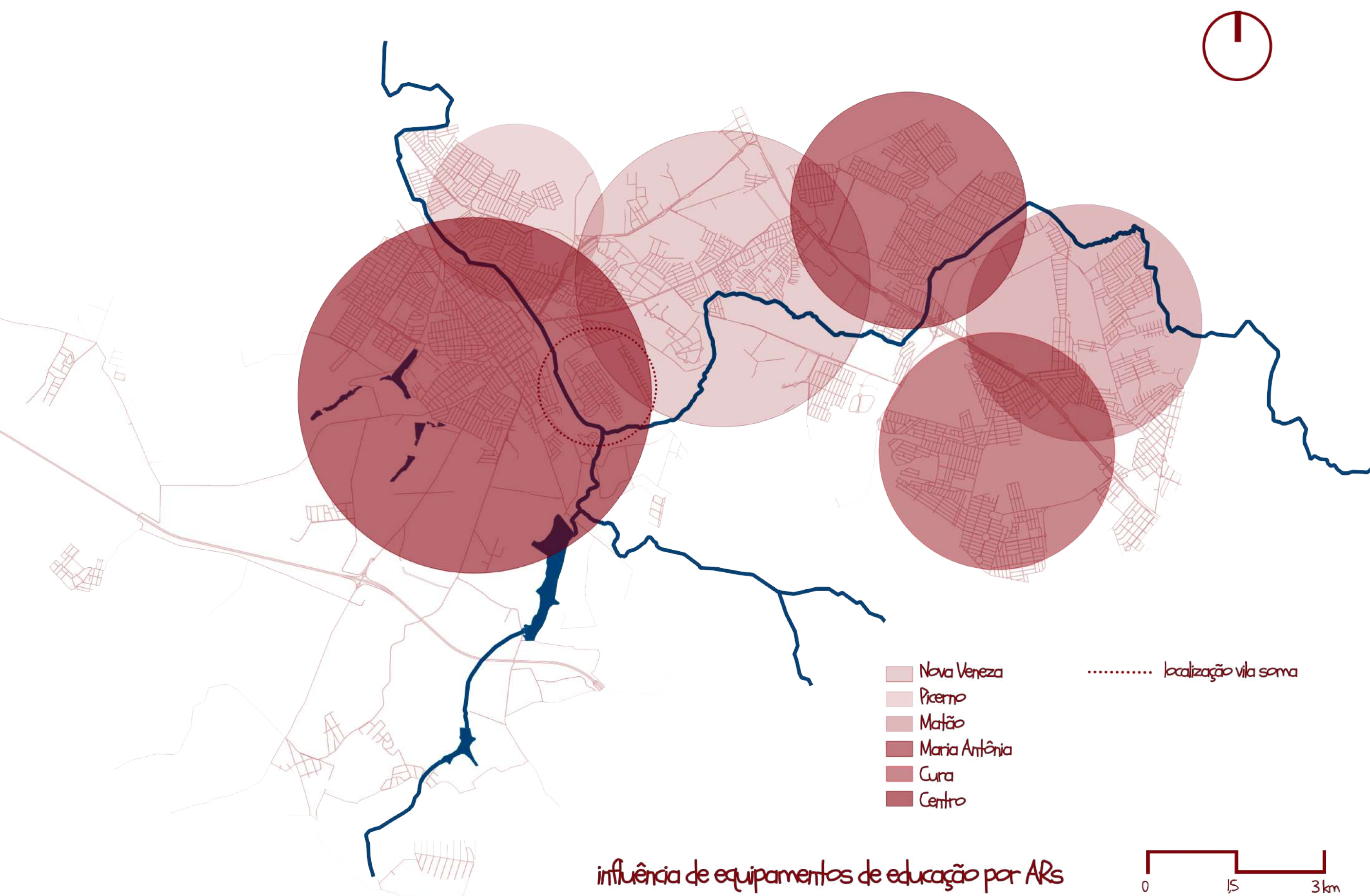
O TERRITÓRIO



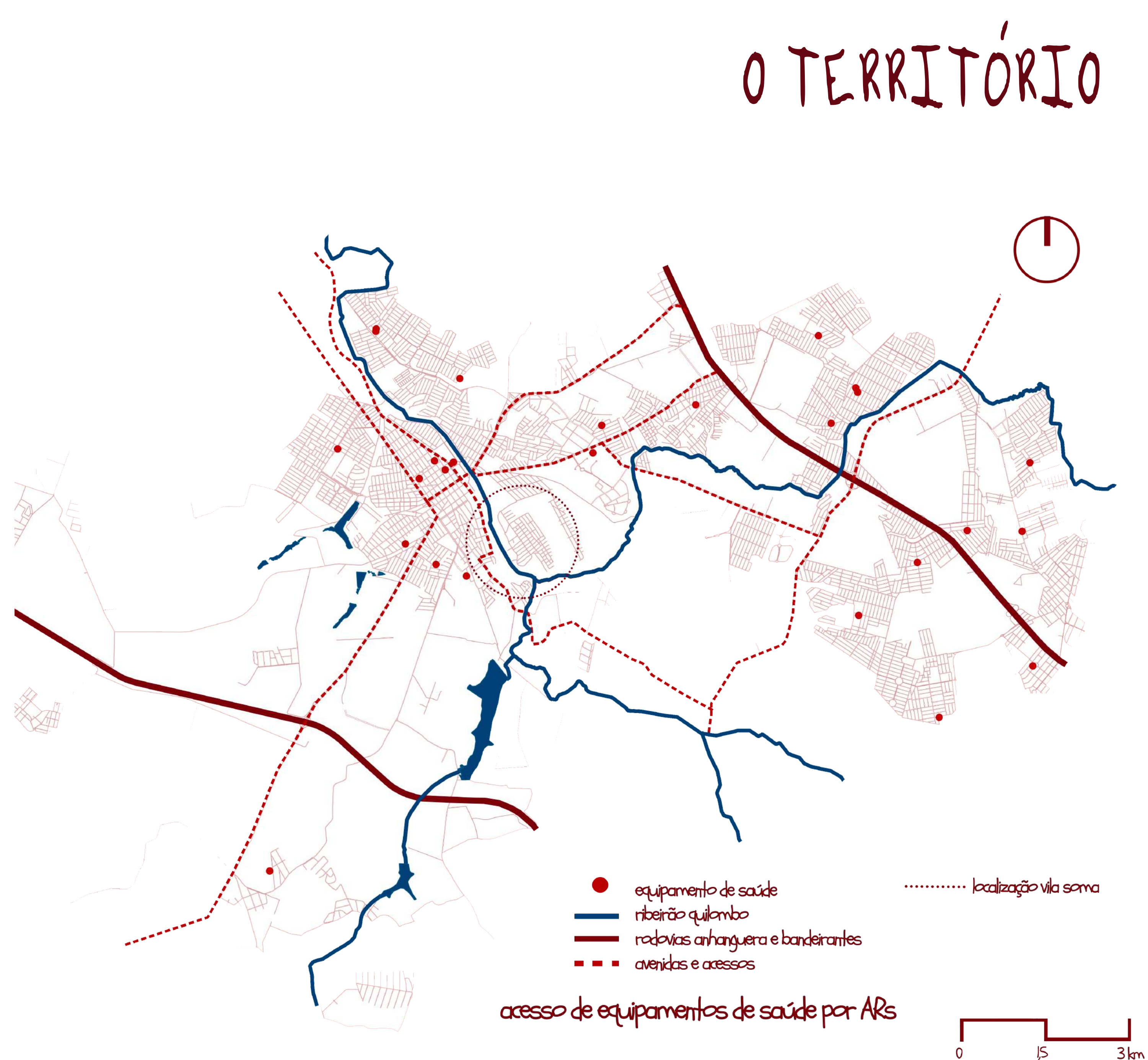
No entanto, após um estudo das linhas de ônibus com as informações fornecidas pelas empresas de transporte da cidade, constatou-se certa segregação espacial entre o bairro e o restante da cidade, devido ao fato de que as linhas de ônibus não adentram completamente a ocupação, sendo o ponto final localizado na entrada da Avenida Soma.

Em relação à densidade demográfica, observa-se que o território é uma área bastante adensada em comparação com outras regiões da cidade. São cerca de 15 mil pessoas, formando 3 mil famílias, que vivem em uma área de 990 mil metros quadrados.





Nos mapas de equipamentos de saúde e educação, observa-se a falta de postos de saúde e escolas dentro das delimitações da ocupação, apesar de o entorno estar bem abastecido por unidades de pronto atendimento, o hospital estadual, postos de saúde e escolas e universidades que atendem ao centro da cidade. Ambas as categorias de equipamentos são usufruídas pela população do Soma, mesmo com as limitações das linhas de ônibus. No caso das escolas, existe uma frota de ônibus escolares oferecida pela prefeitura que transporta as crianças.



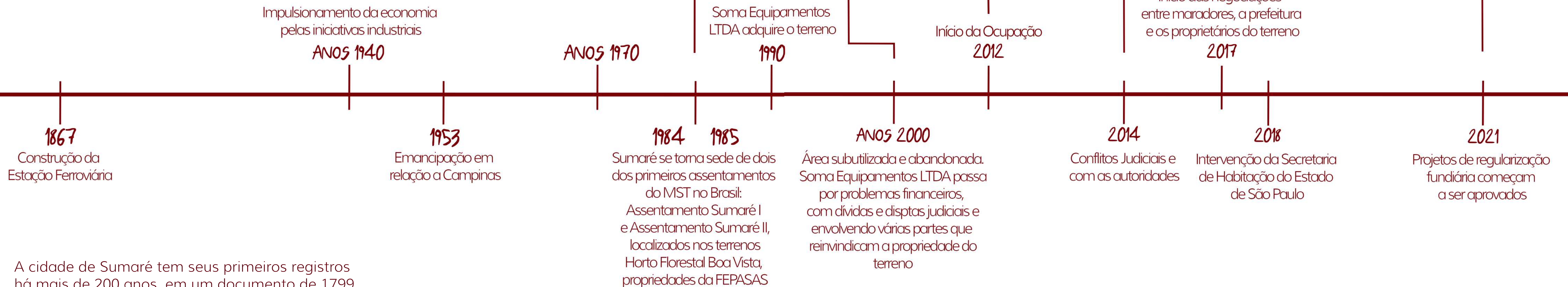


VILA SOMA



BREVE HISTÓRICO

SUMARÉ E OS ANTECEDENTES DO SOMA



A cidade de Sumaré tem seus primeiros registros há mais de 200 anos, em um documento de 1799 vinculado às sesmarias o qual relata sobre o Ri-beirão Quilombo, um marco geográfico na época e responsável por nomear toda a região banhada pelo rio. Outra característica da época é que a cidade era comumente utilizada por viajantes como ponto de parada para descanso, já que passava por ali a estrada que ligava Campinas a outras cidades importantes como Santa Bárbara, Piracicaba e Limeira.

Foi após o desmembramento das Sesmarias em diversas fazendas e a construção das estradas de ferro, a região começou a se formar como um verdadeiro povoado. Em 1867, Francisco Antônio do Valle cedeu terras para que passasse uma ferrovia pelo povoado, se fazendo necessário a construção de uma estação ferroviária, inaugurada em 1875 e projetado pelo engenheiro Antônio Pereira Rebouças Filhos, quem deu nome à nova estação e

também ao povoado que passou a se chamar Vila Rebouças.

Foi ao redor desta estação que a atual Sumaré nasceu e cresceu, pois era o núcleo urbano da cidade responsável pelo tráfego majoritariamente de mercadorias produzidas e exportadas pelas fazendas da região do que de pessoas. A estação sustentou o crescimento de Rebouças por cerca de 50 anos, de forma que em 1916 foi necessário construir outra estação ferroviária já que a primeira já não comportava o surto na produção de mercadorias que iam desde café até outros produtos como algodão, carnes bovinas e suínas, batatas, aguardente e tijolos.

Em 1945 a cidade mudou de nome para Sumaré, mesmo nome da orquídea amarela muito comum na região, e se emancipou de Campinas em 1953.

Durante as décadas de 1950-1960 com a emancipação de Sumaré de Campinas inicia-se a difusão do município-sede para outros eixos de expansão periféricas, como Sumaré e outros municípios da Região Metropolitana. Sumaré inicia seu processo de evolução do complexo produtivo e há uma expansão da área urbanizada a partir do centro. Nesse ínterim, a área atual do Villa Soma, ainda era utilizada para atividades agrícolas, como cultivo de cana-de-açúcar, entre outros.

A partir da década de 1970, Sumaré, que se caracterizava por ser uma zona de produção agrícola, começa seu processo de industrialização, somado ao período de urbanização e expansão das rodovias, atraiu o capital estrangeiro e investimentos industriais.

Industriais adquiriu o terreno para expandir suas

atividades, porém, após enfrentar dificuldades financeiras, o desenvolvimento completo do terreno foi dificultado. Durante os anos 2000, a área estava quase completamente abandonada ou subutilizada. As questões legais e financeiras da Soma Equipamentos Industriais LTDA se agravaram e na justiça corriam processos de diversas partes reivindicando a posse da propriedade, restando no terreno, apenas as ruínas das fábricas que um dia estiveram ali. No mesmo período, a região de Sumaré, assim como outras regiões no Brasil, passava por uma grande crise habitacional que intensificaram os movimentos sociais que passaram a identificar áreas subutilizadas que apresentavam potencial para ocupação. Em Janeiro de 2012 famílias começaram a se organizar para ocupar o terreno e pressionar o poder público.

VILA SOMA

A ocupação teve início em 2012, quando 2 mil famílias se mobilizaram para ocupar o terreno. A partir da observação das fotos aéreas fornecidas pelo Street View, é possível notar que a urbanização do terreno ocorreu de forma bastante espontânea. As pessoas se organizaram lado a lado, com suas cabanas e carros, onde muitos dormiam com suas famílias. Dessa forma, as estradas surgiram a partir dessa organização espacial.

Nos anos seguintes, jornais regionais noticiaram a história da ocupação, marcada por uma série de embates e tensões com as autoridades. Em 2014, os proprietários entraram com a reintegração de posse do terreno, seguidos de ameaças de despejo, o que provocou, em contrapartida, a mobilização e resistência dos moradores, gerando tensão entre os residentes da Vila Soma e as autoridades, especialmente a polícia militar. Em 2017, iniciou-se o processo de negociação entre os moradores, a prefeitura, o Ministério Público e os proprietários para resolver de maneira pacífica a situação da Vila Soma. No ano seguinte, a Secretaria de Habitação do Estado se envolveu nas discussões sobre alternativas de regularização fundiária e reassentamento. Nos anos seguintes, as negociações avançaram consideravelmente até que, em 2021, os primeiros projetos de regularização fundiária começaram a ser aprovados, e os moradores conquistaram melhorias como saneamento básico e energia elétrica, que não existiam até o início das obras em 2022. Em 2023, iniciou-se a distribuição dos primeiros títulos de propriedade aos moradores, formalizando a posse das terras.

Atualmente, a Vila Soma é uma extensa área de terra batida, com uma densidade demográfica de cerca de 15 hab/km², cinco vezes maior que outros bairros de Sumaré.

De acordo com o coordenador da ocupação, Edinho, a população conta com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) improvisada, que divide espaço com a coordenação da ocupação, e não há escolas ou creches dentro do território, de forma que as crianças precisam frequentar escolas nos arredores (EDINHO, Comunicação Pessoal, 2024). Dentre os 15 mil habitantes, cerca de 3.600 são crianças de 0 a 14 anos, sendo 1.300 menores de 6 anos e quase 2.000, entre 7 e 14 anos. As linhas de ônibus circulares chegam apenas até a entrada da ocupação, mas o transporte escolar oferecido pela prefeitura percorre o bairro inteiro. Por contar com proximidade da área central da cidade, as redes escolares ao redor da Vila Soma são suficientes para suprir a necessidade imediata da população, com o ônus de serem escolas relativamente mais distantes do que o ideal, embora o transporte escolar minimize esse problema (EDINHO, Comunicação Pessoal, 2024).

O primeiro reconhecimento do território foi feito a partir do Street View. Explorando as texturas, cores e sensações que o lugar transmitia, buscou-se familiarizar-se, ainda que inicialmente, com os aspectos “quentes” (população, sentimentos, atmosferas), juntamente com os aspectos “frios” (relevo, vegetação, entorno). Em seguida, para compreender mais sobre as pessoas que ali viviam, iniciou-se um processo de investigação nas redes sociais,

a partir das contas de moradores, estabelecimentos e hashtags, para entender um pouco do cotidiano do lugar. Quando foi possível agendar uma visita à área, foram realizadas entrevistas e feitas fotografias, ressaltando as pessoas que ali vivem, seus lares, as narrativas sociais que os envolvem e suas necessidades.

As ruas, que se formaram a partir da dinâmica ocupacional da população, são todas nomeadas pelos próprios moradores, geralmente com base em algum referencial (Rua do Curral, Rua da Mata, Rua da Mangueira), algo ou alguém a ser homenageado (Rua Marielle Franco, Avenida Soma), ou que atribua um elemento significativo (Rua da Paz, Rua da Amizade, Rua dos Vitoriosos).

A coordenação da ocupação funciona em uma das cinco ruínas remanescentes da Soma Equipamentos Industriais LTDA. Das quatro restantes, duas foram cedidas e reformadas para abrigar duas igrejas evangélicas, uma permanece sem uso e a última delas, a mais distante, se localiza na rua ao lado e teve boa parte de sua estrutura demolida pelo tempo. Esta última, em particular, é a mais importante para a discussão, pois o chão do antigo galpão se transformou em uma quadra de futebol de terra batida, onde as crianças praticam esportes e os moradores se reúnem para as reuniões de coordenação da ocupação, mobilizações, reintegração de posse e festas. Há, nessa dinâmica, um atrito entre a memória da Soma como ocupação e a memória dos galpões e do terreno como um remanescente industrial, o que enfatiza, de maneira quase poética, as questões de poder, identidade e memória discutidas neste trabalho.

Dessa maneira, o terreno escolhido para abrigar o projeto foi o espaço ao redor dessa quadra, um “lugar de memória” que denota **o que existiu, o que resistiu e o que vai resistir**.





ESCOLA, RAÍZES DO SOMA

Buscando um projeto arquitetônico que contribua para a perpetuação da memória de resistência relacionada à ocupação Vila Soma foi escolhido como proposta de projeto a ser desenvolvida neste trabalho um centro educacional comunitário o cujo intuito é contribuir positivamente para a comunidade para além dos benefícios que a educação de qualidade já é capaz de proporcionar, como fomentar o desenvolvimento, reduzir a desigualdade social e melhorar a qualidade de vida. O projeto propõe atuar também como um centro comunitário que promove o desenvolvimento social da população, criando laços com a comunidade e suas raízes.

Assim, é elencado ao programa as diretrizes da Base da Educação Nacional aprovada pela lei 9394/96 que determina os currículos escolares dos anos iniciais (Ensino Fundamental I), especialmente na disciplina de História, sejam formulados a partir daquilo que é pertinente à comunidade em que o estudante está inserido, contribuindo para o desenvolvimento do corpo estudantil e coletivo. Sendo a base de ensino dos anos iniciais pautada no preceito do aluno começar a entender o mundo primeiramente a partir do seu entorno, o qual se trata de um campo de exploração dinâmico e ativo, inserido em um contexto palpável para o aluno, assim atizando sua curiosidade sobre o lugar em que vive e as pessoas dali, assim permitindo a manifestação de uma consciência histórica, comunitária e social.

//

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais. (BRASIL, 1997b, p. 26)

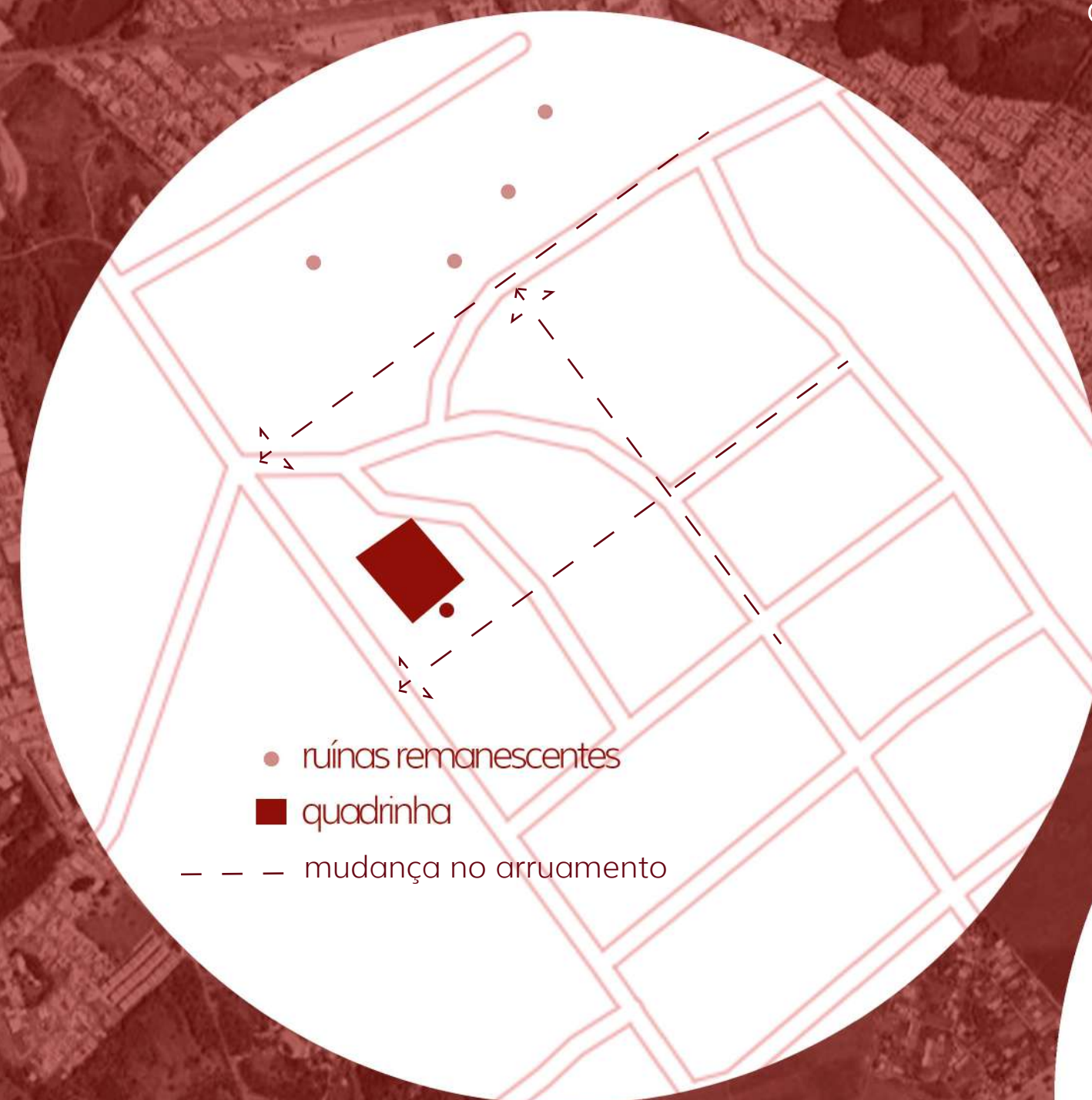
Além disso, destaca-se a integração da comunidade à grade educacional, para fomentar o debate sobre aspectos mais amplos, como valorização da cultura e identidade local, diversidade, inclusão, ações comunitárias e projetos coletivos. Dessa forma, alunos e moradores podem desenvolver, cada vez mais, competências sociais e cidadãs.

Em resumo, a Escola Raízes do Soma pretende proporcionar um ambiente escolar acolhedor, onde os alunos e a comunidade possam ter suas identidades desenvolvidas, a memória da luta coletiva seja perpetuada e as diversidades sejam reconhecidas e respeitadas.

O programa escolar foi definido como um centro educacional que, além do ensino integral, ofereça à comunidade atividades esportivas, artísticas e culturais. O equipamento propõe o ensino fundamental I e II, contando com 16 salas de aula — duas por ano — com turmas de 48 alunos, totalizando 768 alunos. Além disso, dispõe de espaços para uma prática educativa ampliada, como ateliê, laboratório de informática e salas de música e dança.

PROCESSO PROJETUAL

Para abrigar o terreno ao redor da quadrinha, foram feitas alterações no arruamento do bairro que originou um terreno caracterizado pelo desnível e a expansão de uma rua até então sem nome, que, nos moldes deste projeto, passa a se chamar Rua da Escola



arruamento original



arruamento alterado



REFERÊNCIA PROJETUAL



figura 1

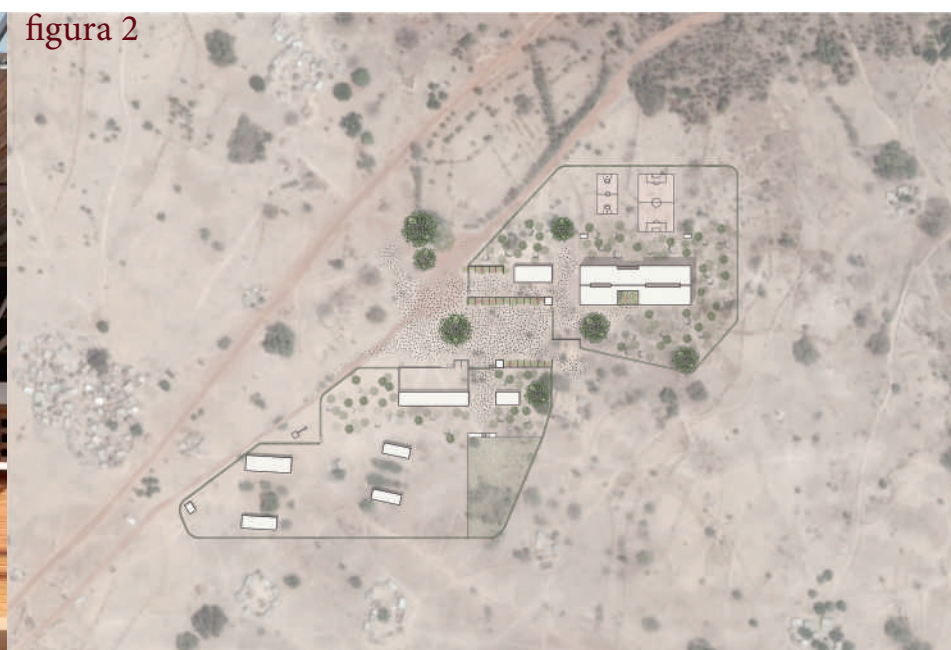


figura 2



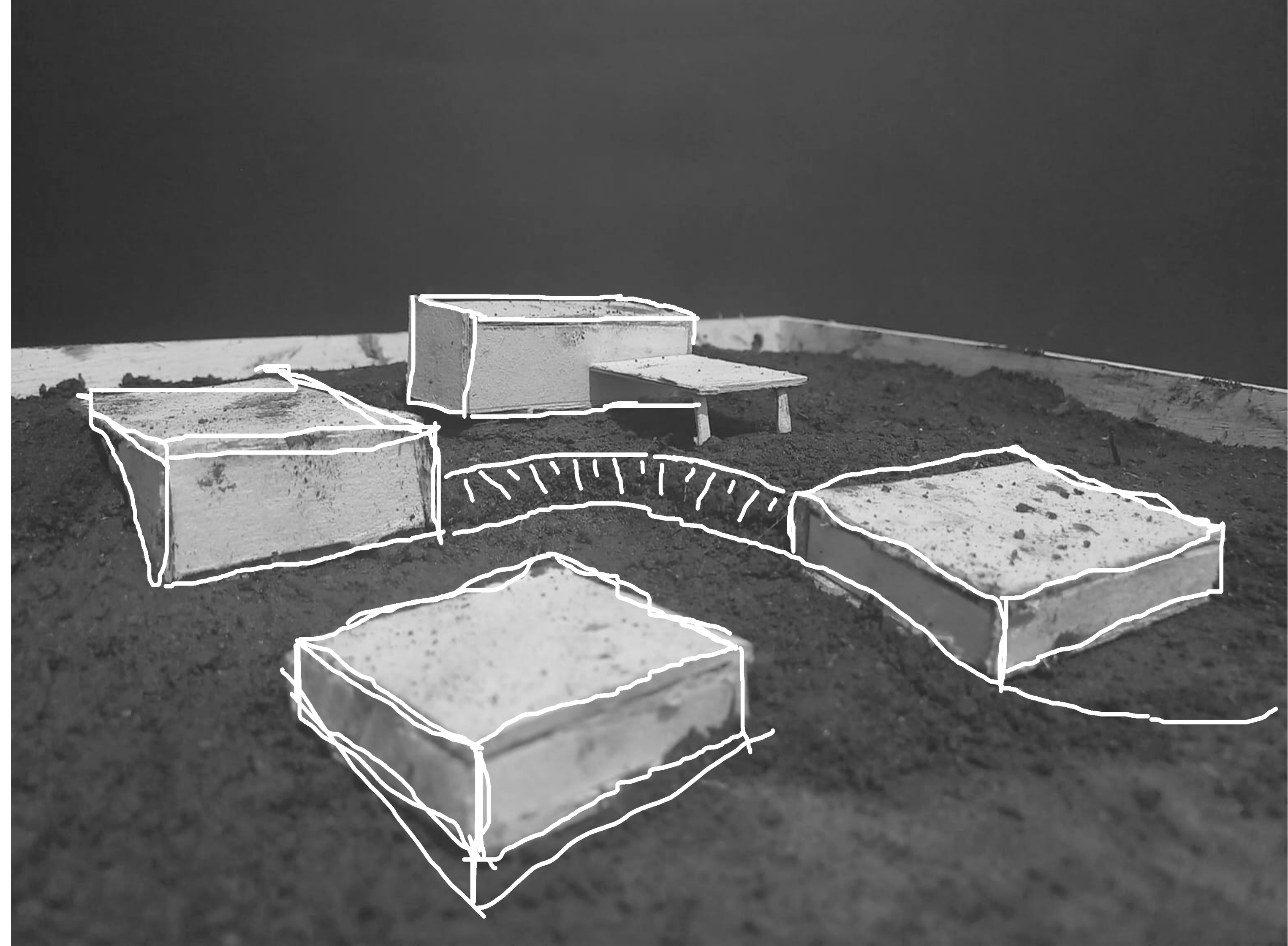
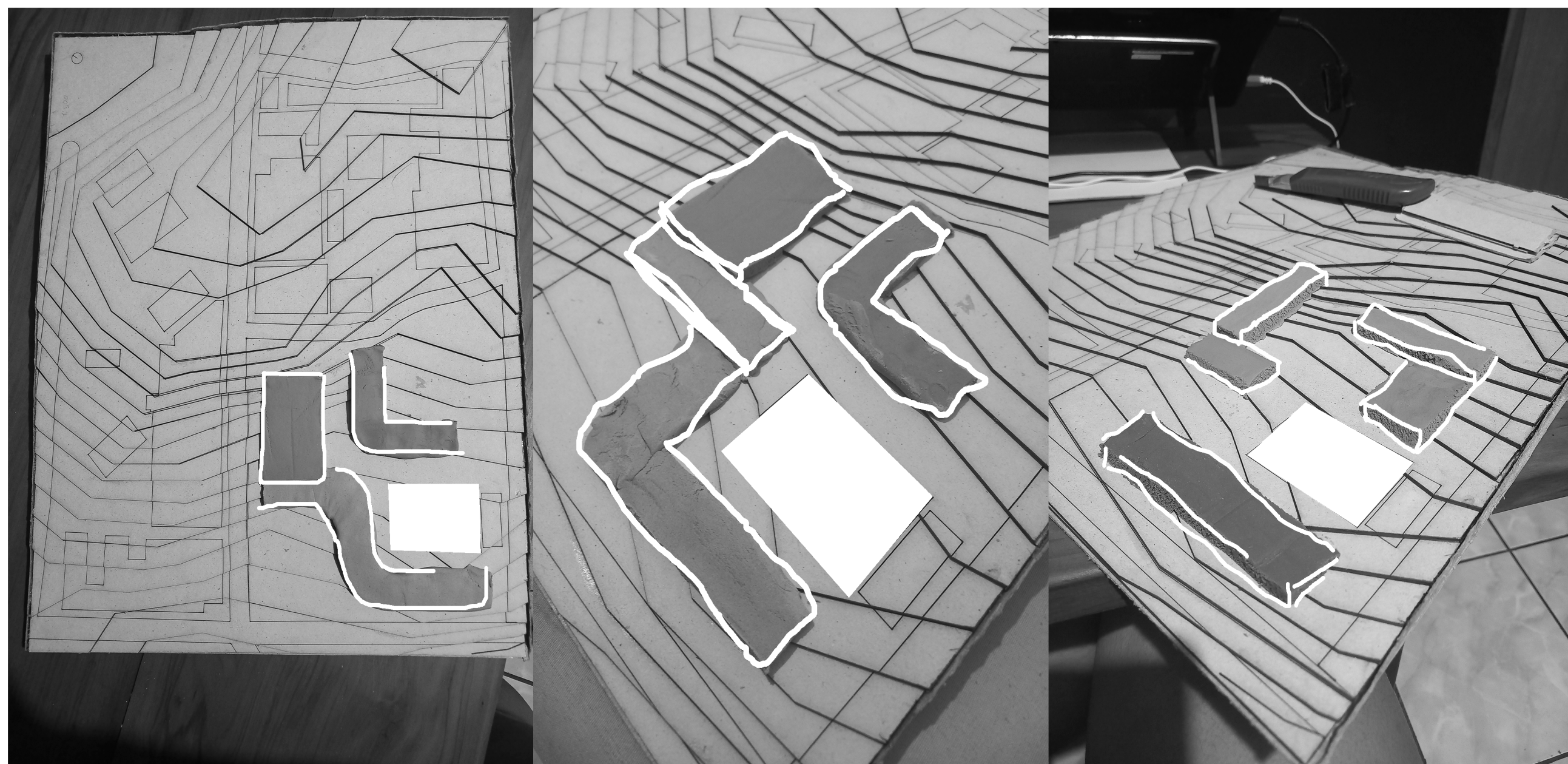
figura 3



figura 4

O projeto do Complexo Educacional Bangre Vee-nem, de Albert Faus, foi resultado de uma iniciativa do Ministério da Educação de Burkina Faso para combater o abandono escolar. O complexo é dividido em duas partes, norte e sul, com uma praça entre elas. Seus volumes estão distribuídos pelo terreno: ao norte, encontram-se a Escola Secundária e a Administração Central; ao sul, estão o berçário, a cantina e os espaços de manutenção. O edifício da Escola Secundária se caracteriza pelas volumetrias separadas, unidas sob uma única cobertura. Os edifícios são construídos com tijolos de barro e pedra, e seu entorno destaca as árvores Néré pré-existentes no local, que são incorporadas ao projeto.

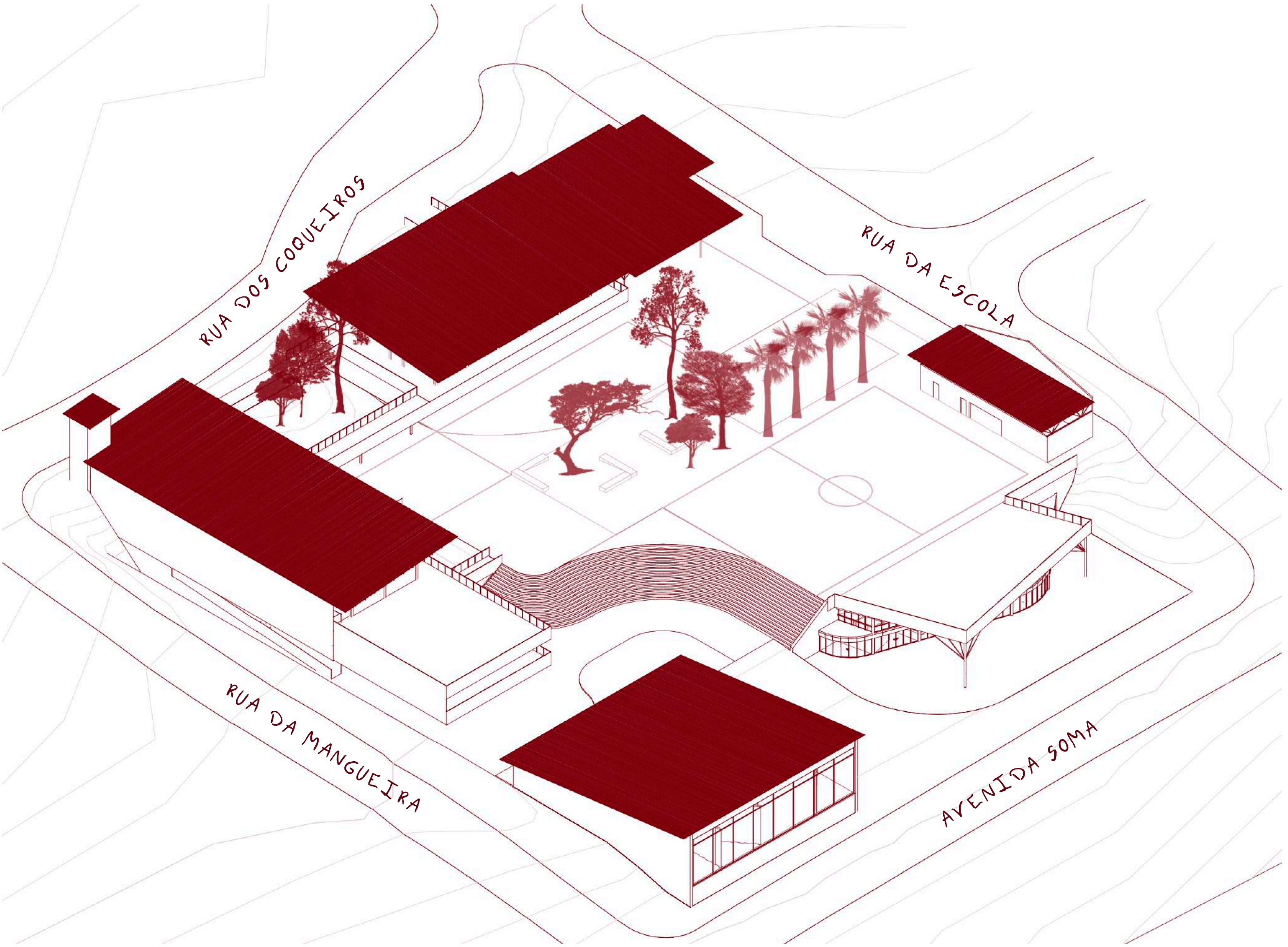
Afim de estudar as possibilidades oferecidas pelo desnível, de como isso poderia complementar a relação identitária do projeto com a terra foi feita duas maquetes para estudo volumétrico. Na primeira delas, a volumetria foi gerada a partir da exploração das formas da modelagem de massinha diretamente no terreno. A segunda trata-se de uma maquete de terra, simulando o declive e o estudo foi feito a partir do ato de *escavar* direto na areia.

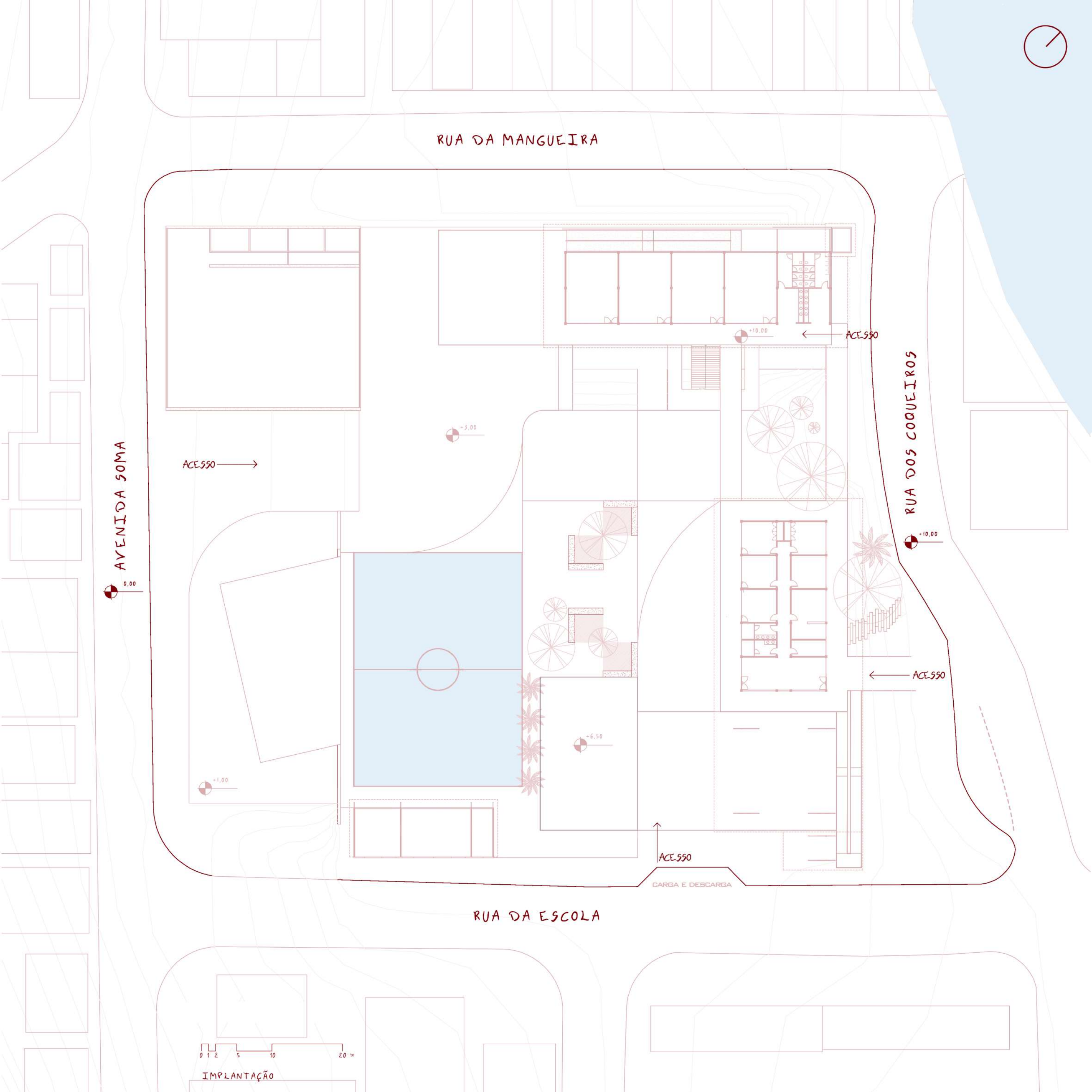




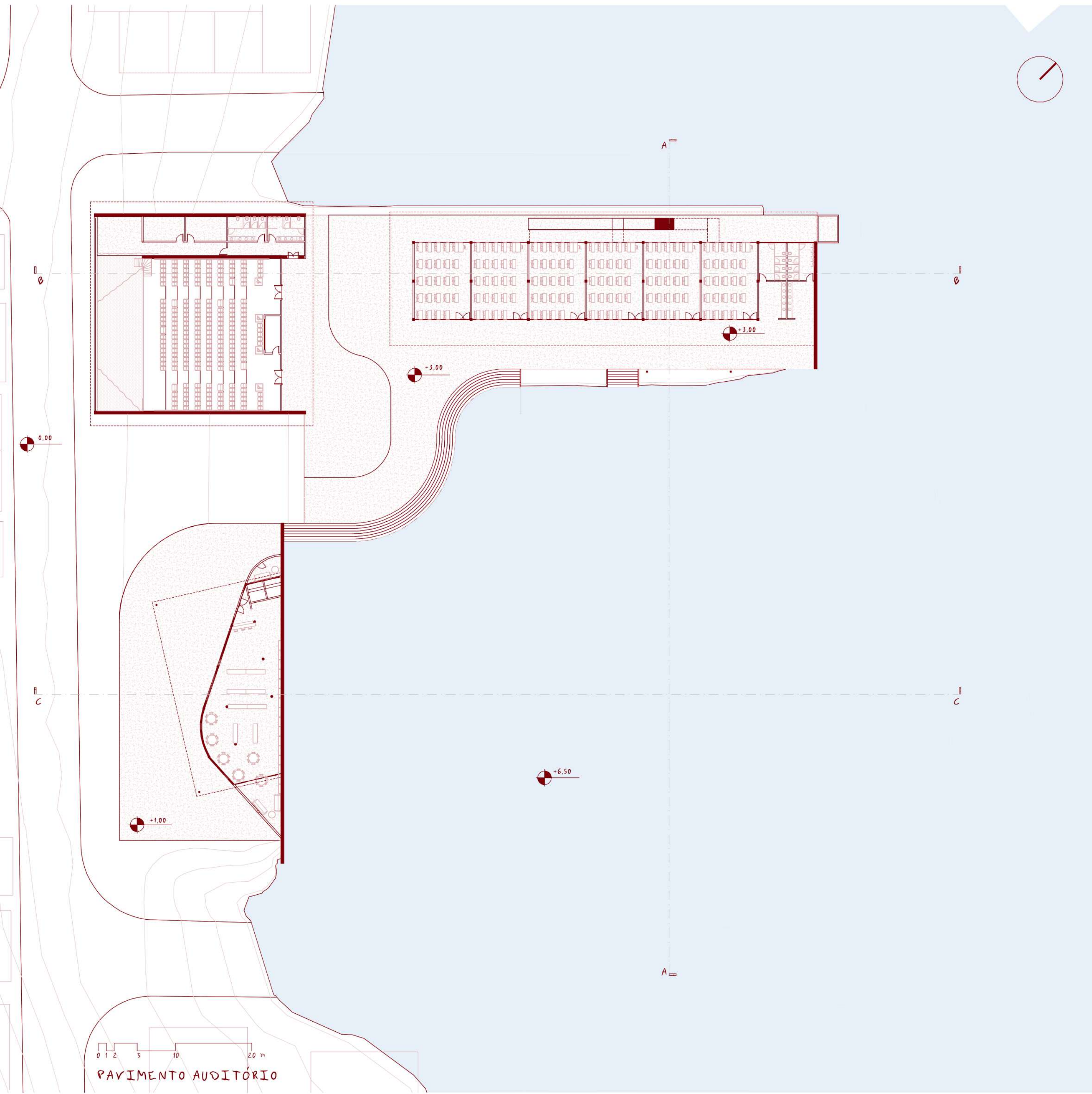
O programa foi distribuído ao redor da quadrinha, destacando-a e preservando-a. O bloco administrativo foi posicionado na cota mais alta, com acesso direto pela rua dos Coqueiros. O bloco de salas de aula foi implantado ao lado da rua da Mangueira. O auditório e a biblioteca foram localizados na cota mais baixa, com acesso direto para a Avenida Soma, a rua mais importante do bairro, devido ao caráter comunitário de ambos os equipamentos. A materialidade foi escolhida levando em consideração os elementos preexistentes do bairro, utilizando concreto pré-moldado e alvenaria de tijolo de solo-cimento, aproveitando a terra retirada das escavações, enquanto o vidro foi incorporado para ressaltar o entorno.

O projeto está disposto em quatro níveis, nomeados a partir de elementos característicos: Biblioteca, Auditório, Quadrinha e Rua dos Coqueiros

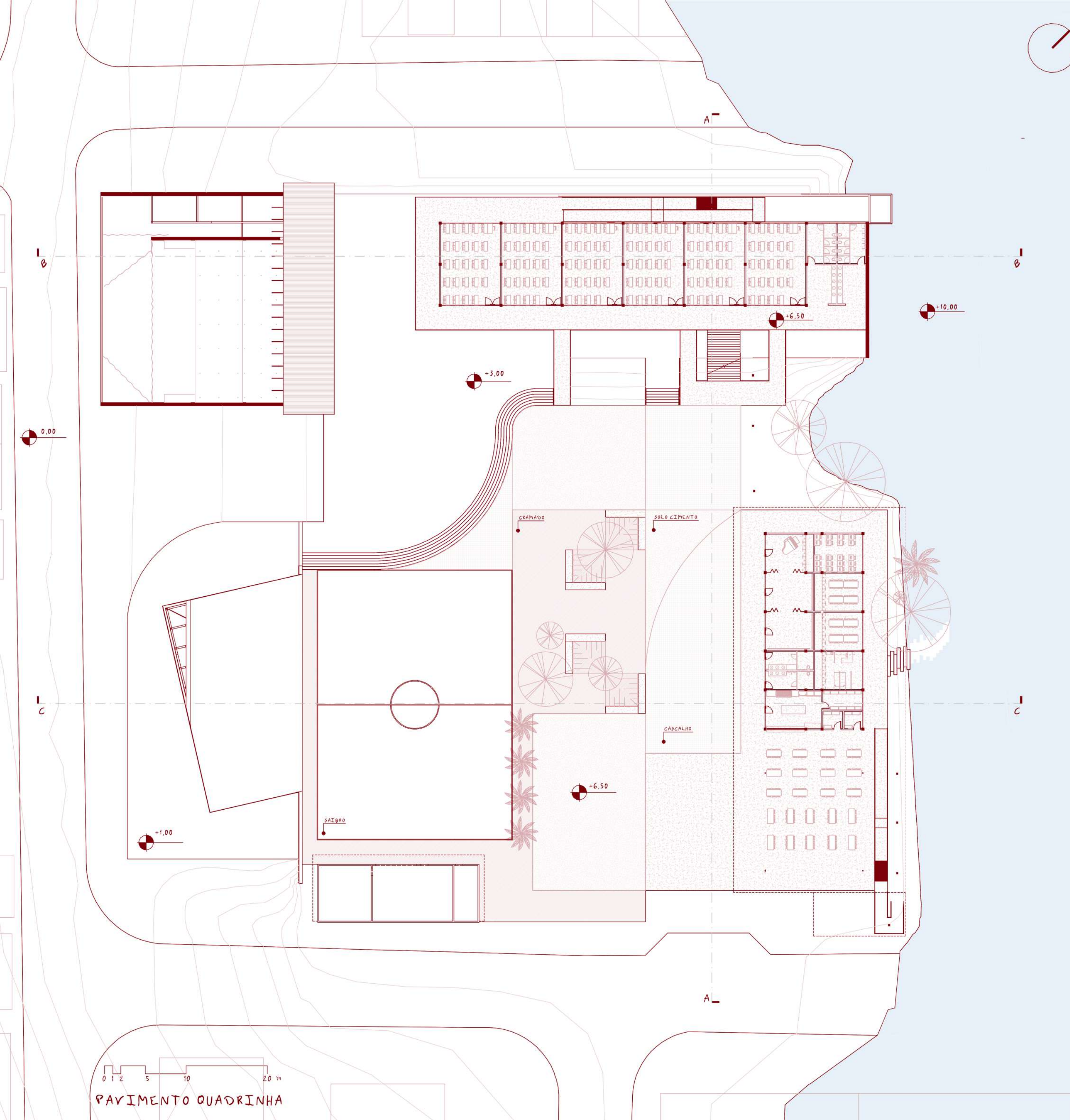




IMPLANTAÇÃO



PAVIMENTO
AUDITÓRIO

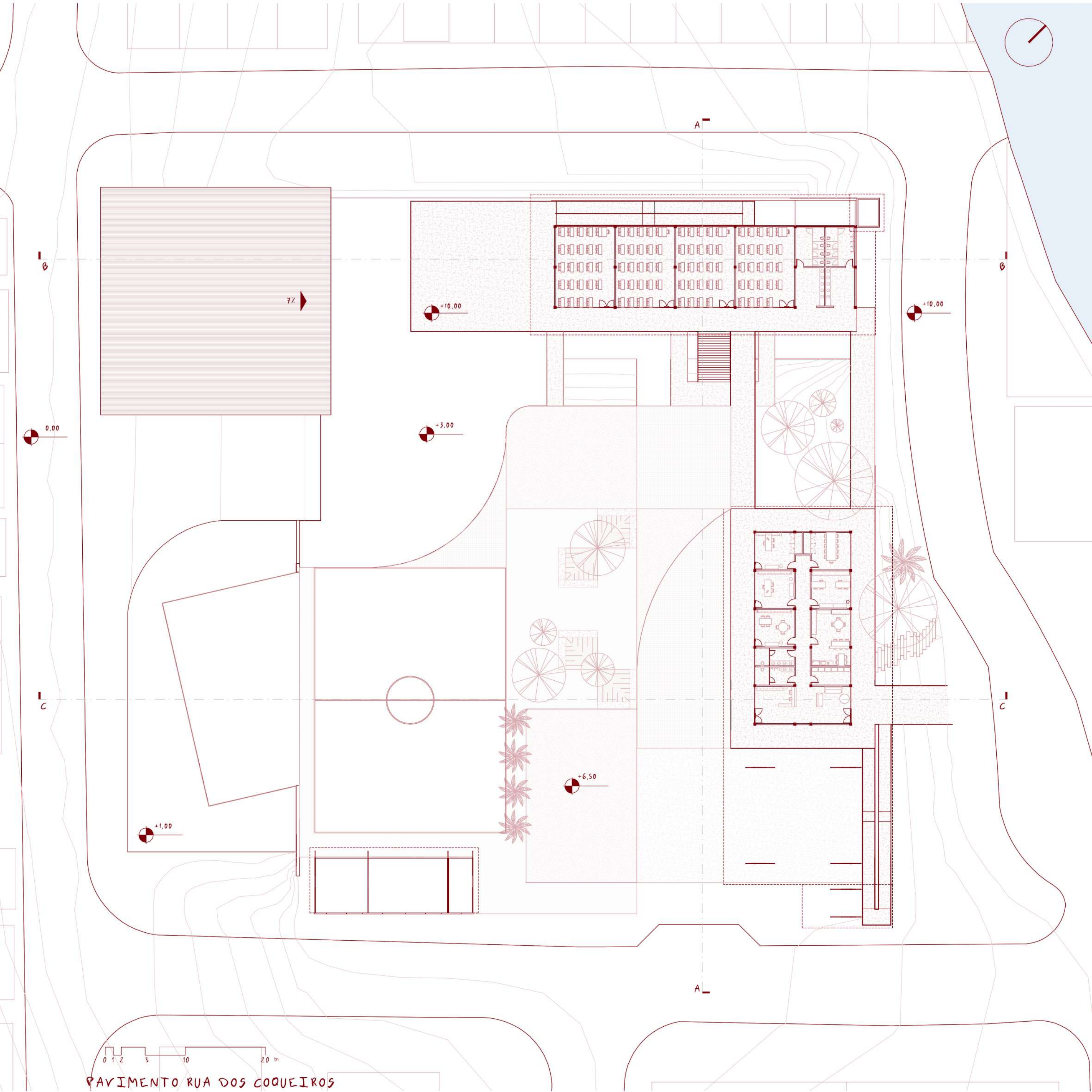


O pátio foi projetado para destacar a quadra. O desenho do piso explorou as linhas marcantes do projeto, estabelecendo diferentes texturas dentro do pátio, como cascalho, solo-cimento e grama. O saibro foi mantido dentro da quadrinha para preservar o solo original e trazer para o interior do terreno a atmosfera do entorno da Vila Soma. A ruína que compõe o espaço foi mantida aberta, com uma cobertura adicionada, criando um espaço multifuncional para ser utilizado como grêmio estudantil e um local destinado aos alunos.

A conexão entre o pátio da quadra e o pátio do auditório é feita por meio de uma grande escada, que também funciona como arquibancada para o palquinho externo do auditório.

PAVIMENTO

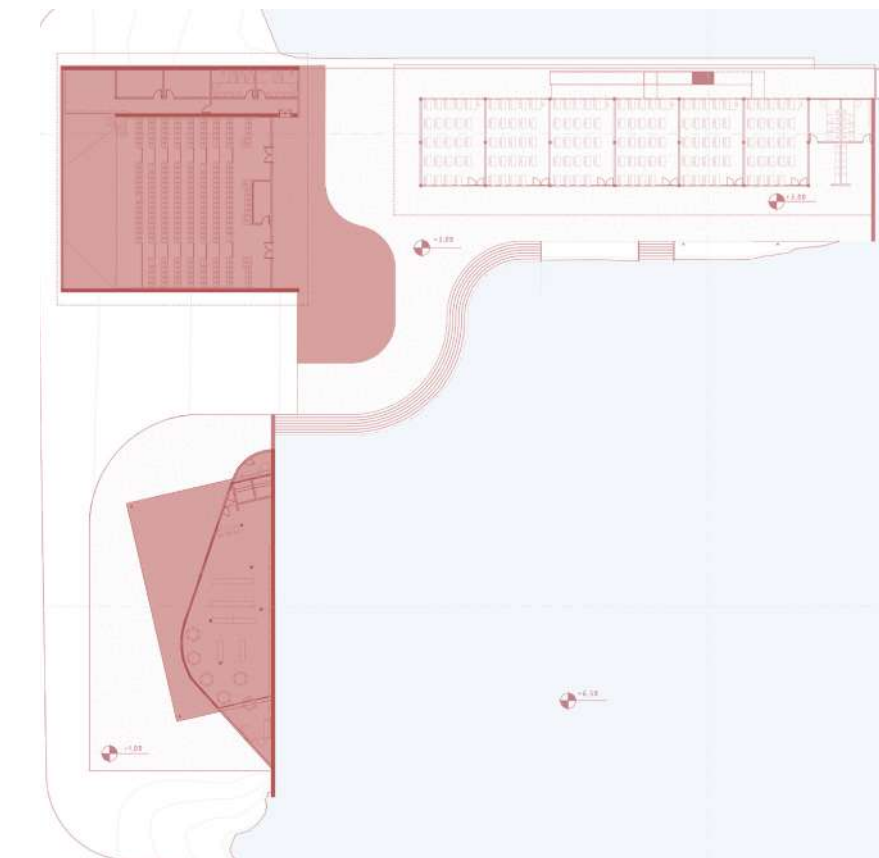
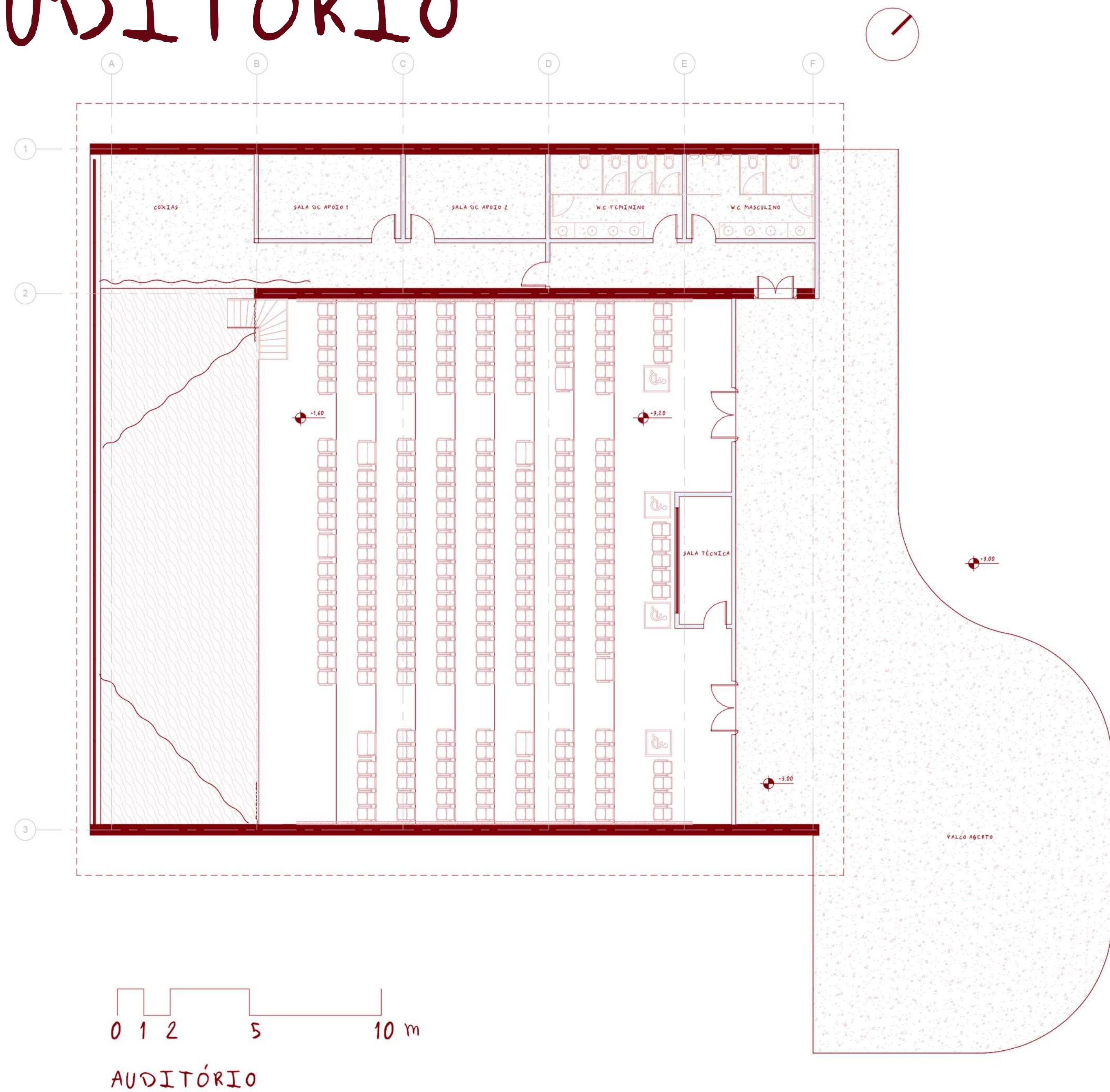
QUADRINHA



PAVIMENTO

RUA DOS COQUEIROS

AUDITÓRIO



O auditório se caracteriza pela implantação ajustada ao terreno. Confeccionado com vigas-paredes de concreto, segue linhas ortogonais nas laterais e apresenta um plano inclinado no telhado que expande a vista de dentro para fora. A acústica interna é trabalhada por meio de painéis. Sua rigidez nas formas e materiais é suavizada pela parede-cortina, que se abre no fundo do palco, permitindo integrar a cidade ao auditório e o auditório à cidade.

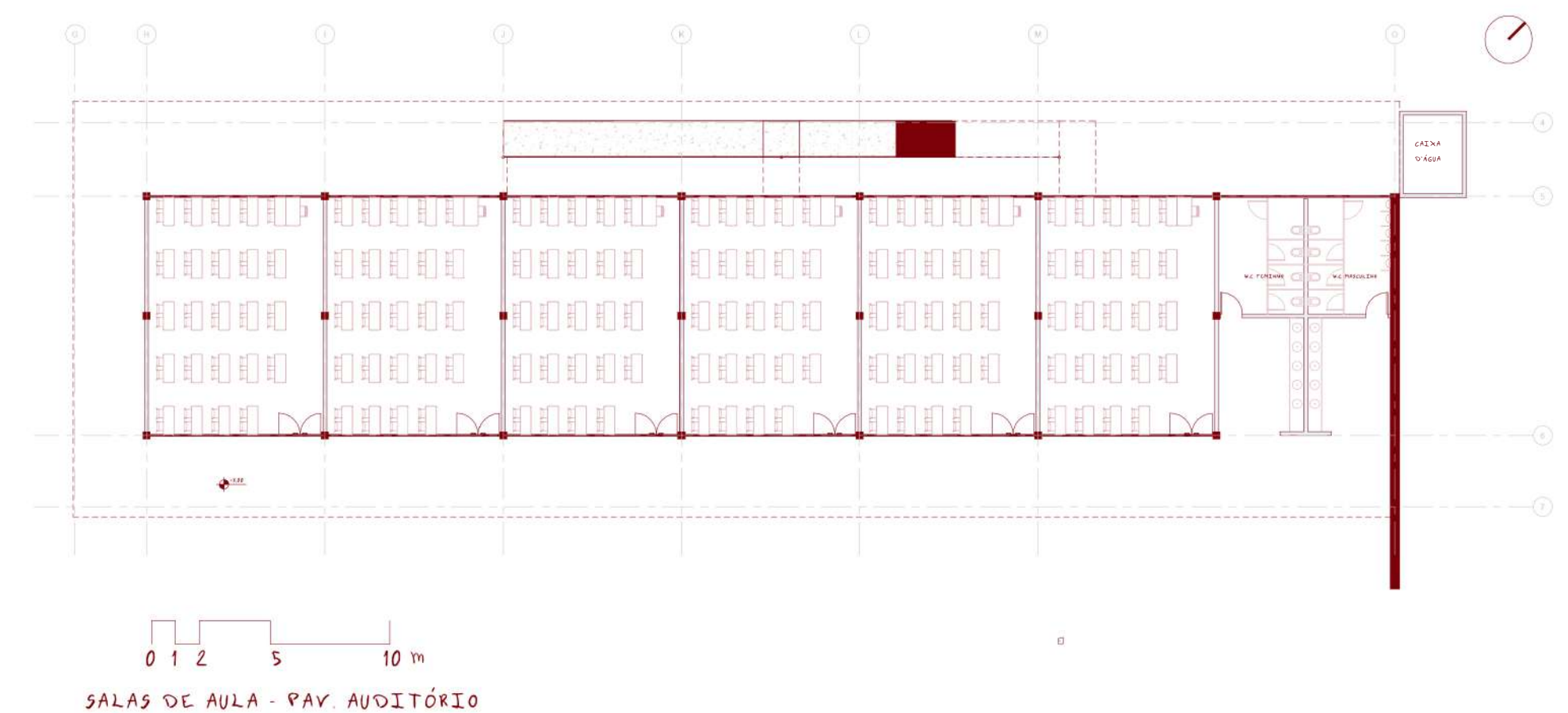
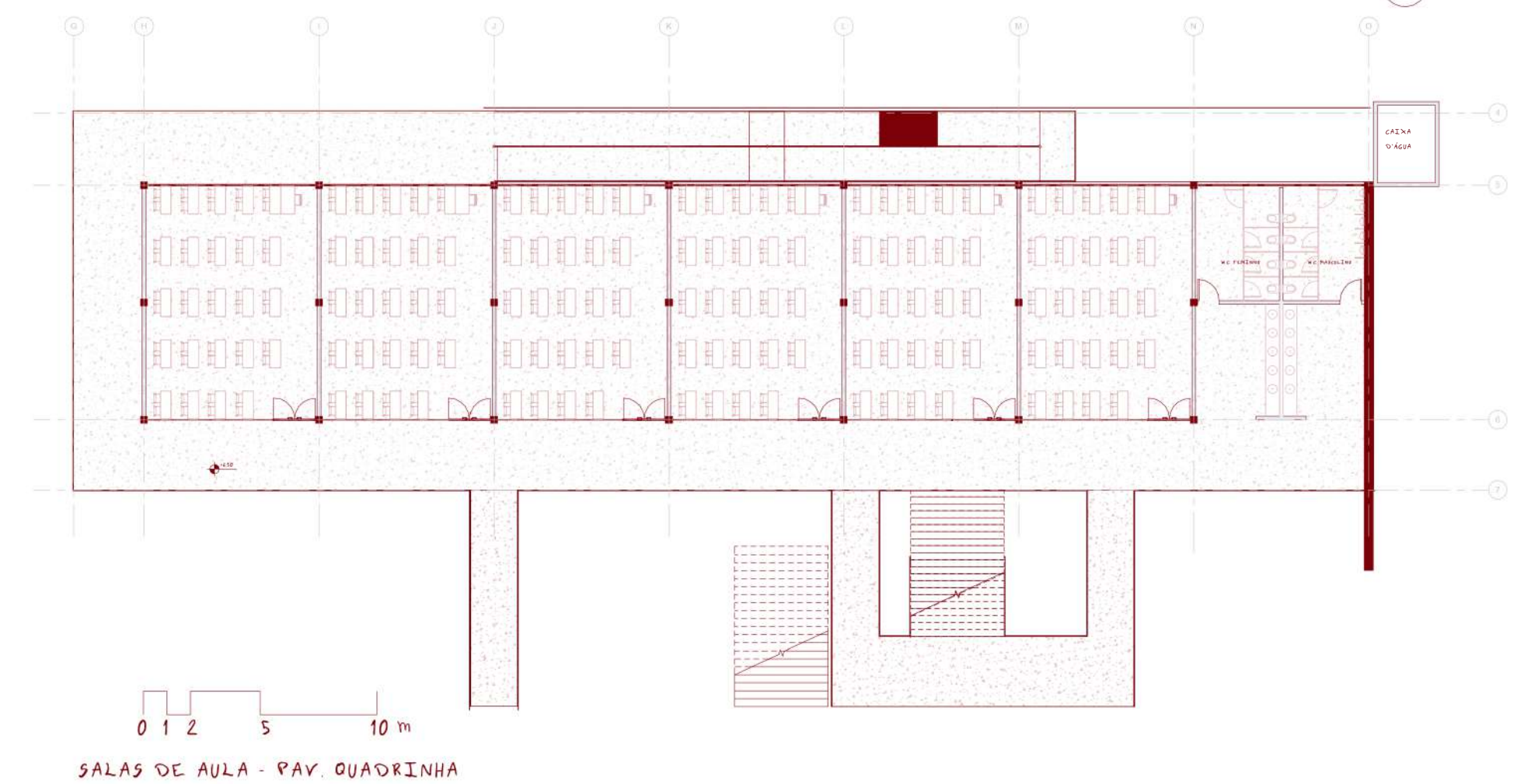
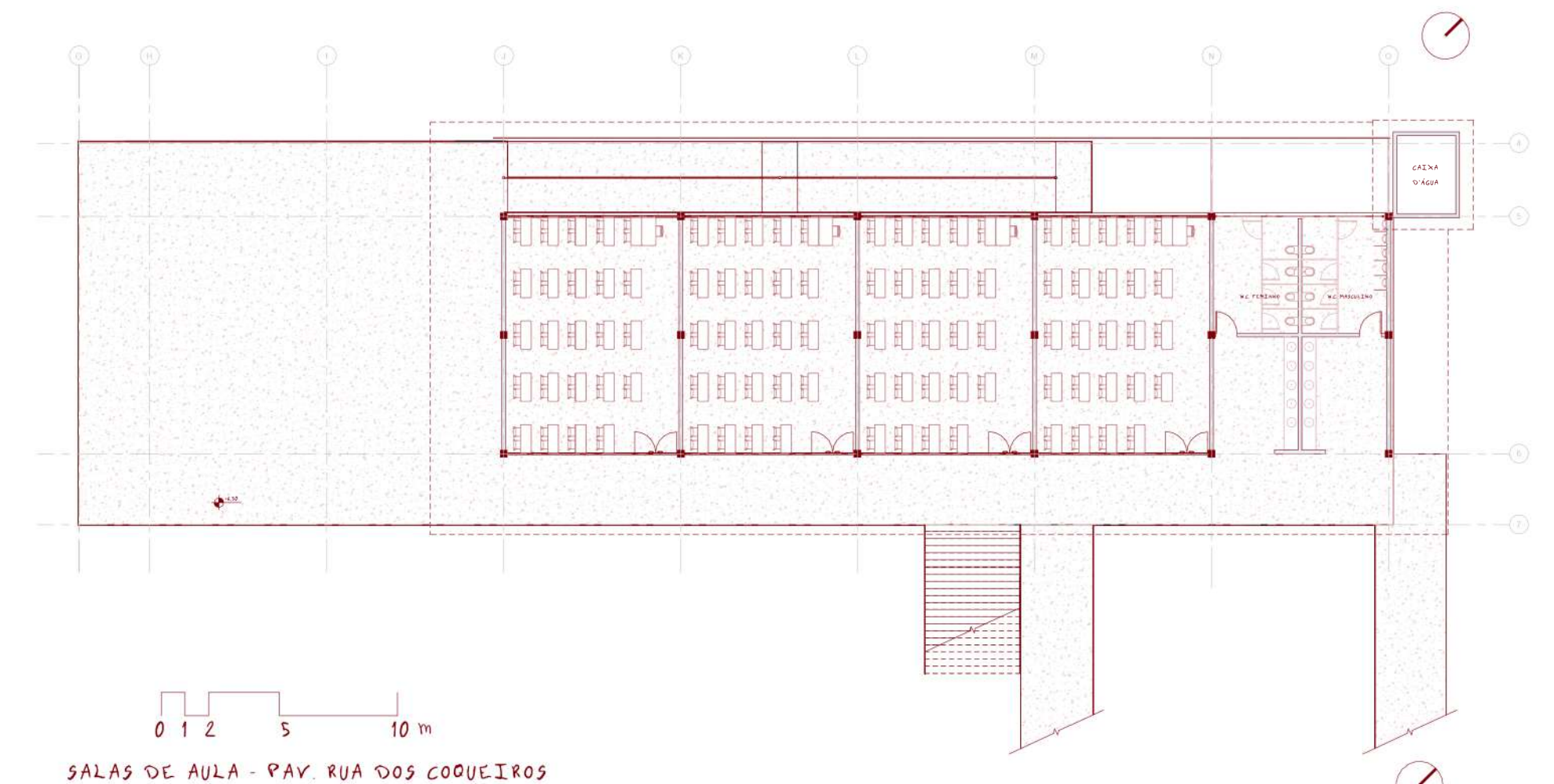
Por outro lado, a biblioteca foi projetada para possibilitar a ocupação fluída dos espaços. porém, assim como o auditório, os caixilhos de vidro podem se abrir para a cidade, permitindo a integração do interior com o exterior. O telhado foi concebido a partir de um plano inclinado, que além de funcionar como mirante para a cidade, também serve como arquibancada para a quadra localizada no nível superior.

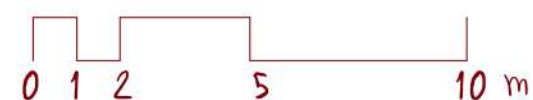
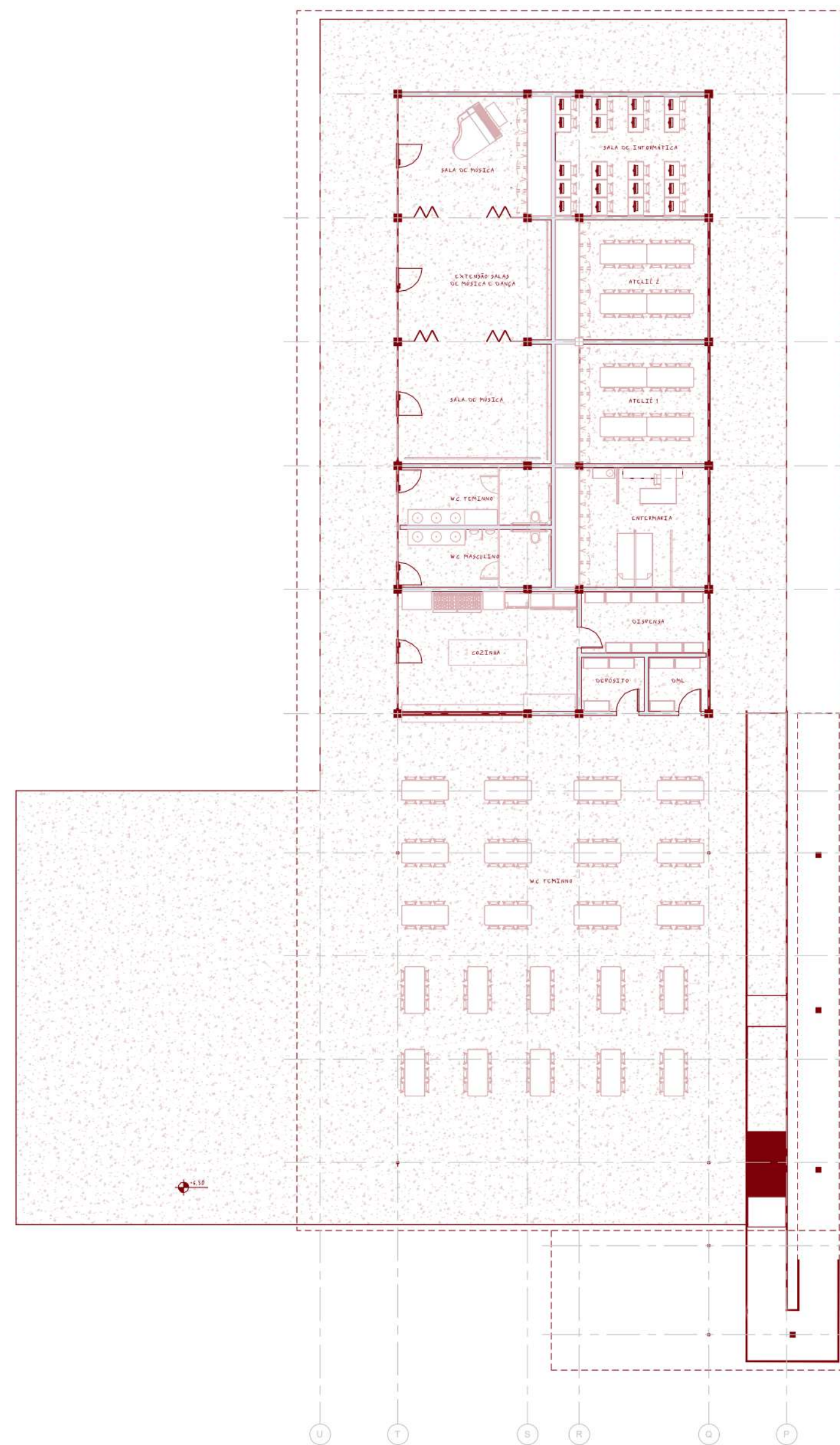




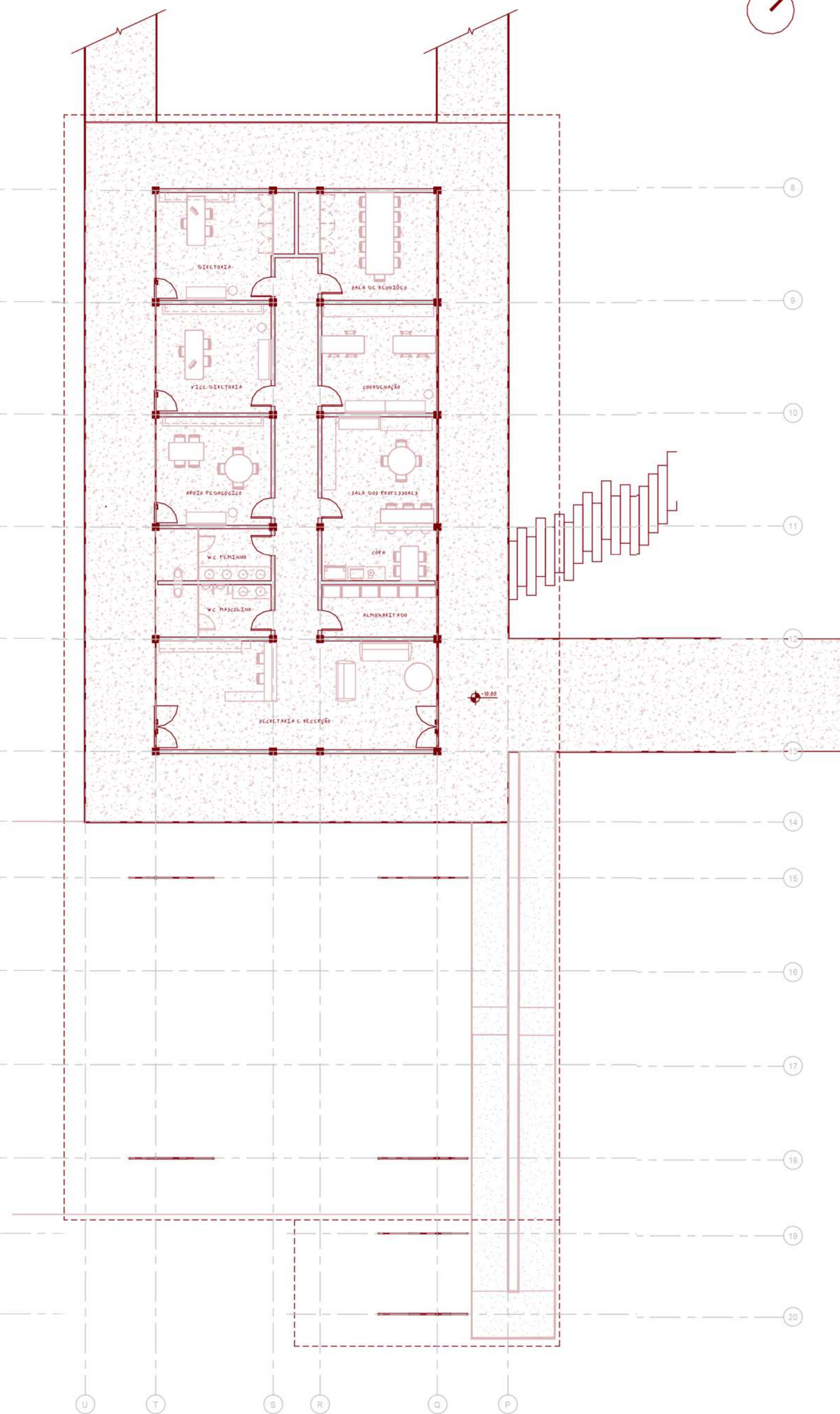
As salas de aula estão dispostas em três dos quatro níveis. O bloco conta com 16 turmas e 6 banheiros, masculinos e femininos, divididos entre os 3 pavimentos. O bloco se interliga aos demais blocos e níveis por meio de rampas, passarelas e taludes, o que enriquece a relação das pessoas com o espaço.

SALAS DE AULA

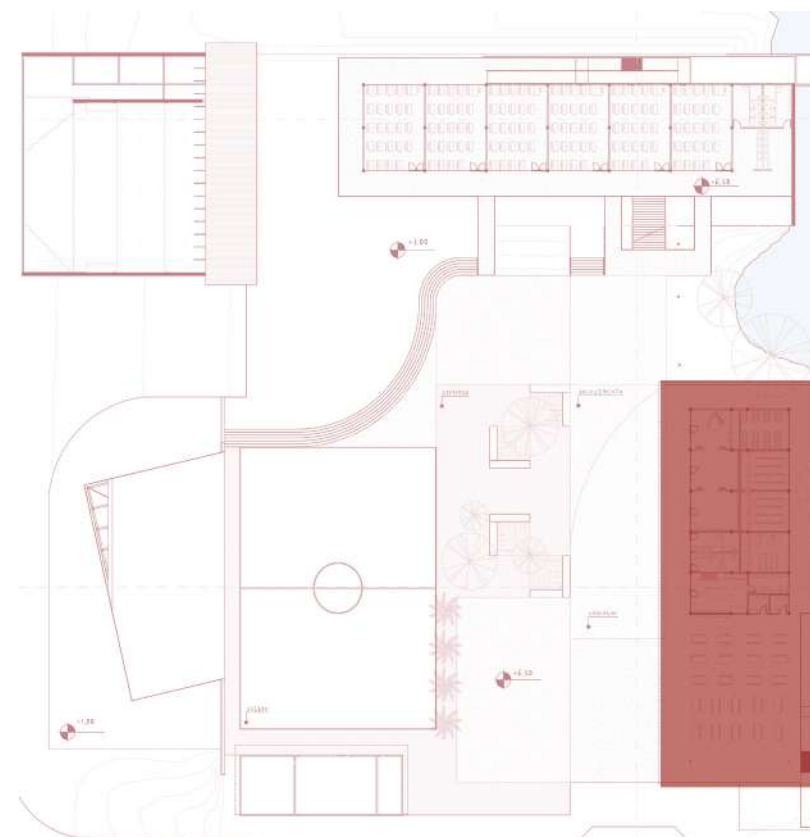




REFEITÓRIO E RECREAÇÃO - PAV. QUADRINHA



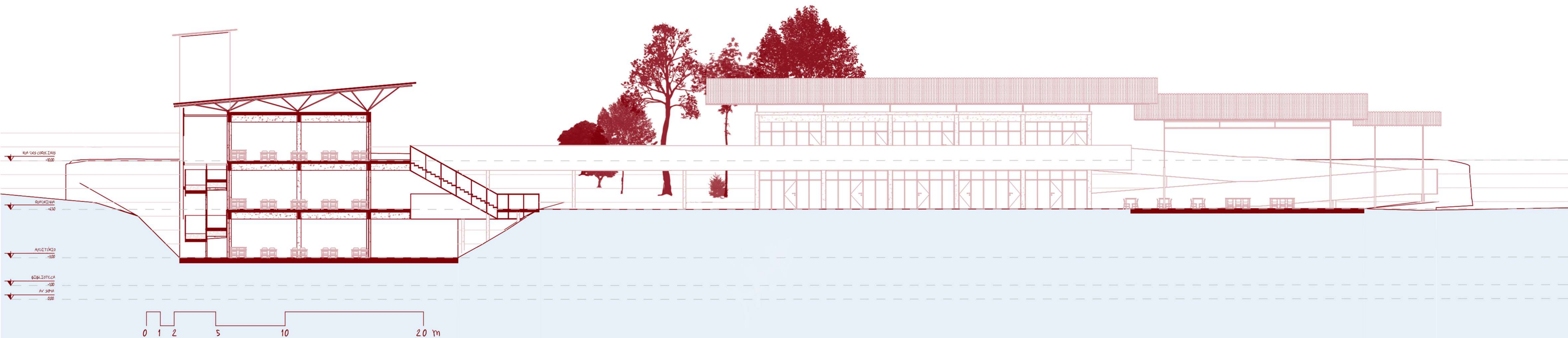
ÁREA ADMINISTRATIVA - PAV. RUA DOS COQUEIROS



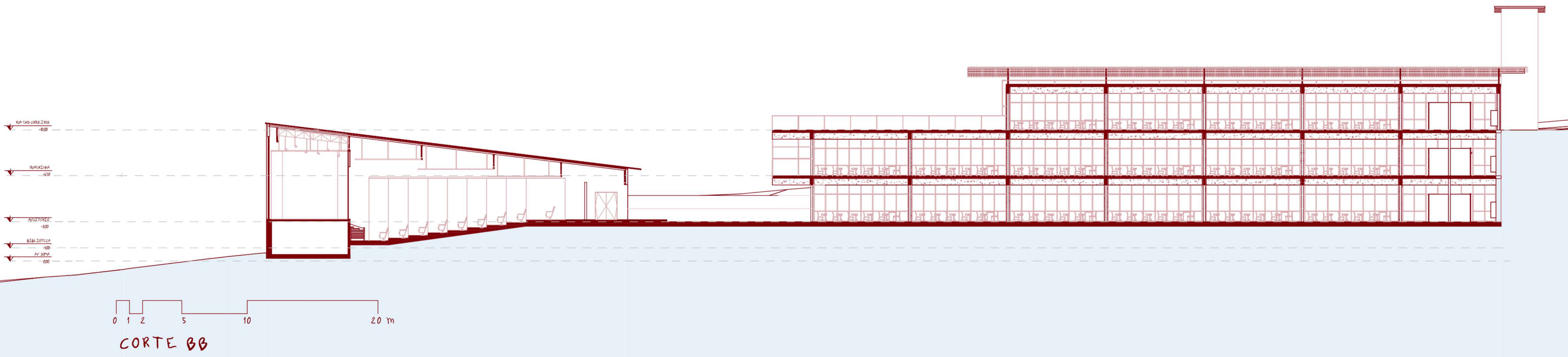
O bloco técnico-pedagógico conta com dois níveis. O nível da Quadra é responsável pelas instalações de serviços especializados, como a Sala de Informática, o Ateliê, a Sala de Música e a Sala de Dança. Já o nível da Rua dos Coqueiros abriga a parte administrativa da escola, com a diretoria, a sala dos professores, a secretaria, entre outros espaços.

BLOCO TÉCNICO-PEDAGÓGICO

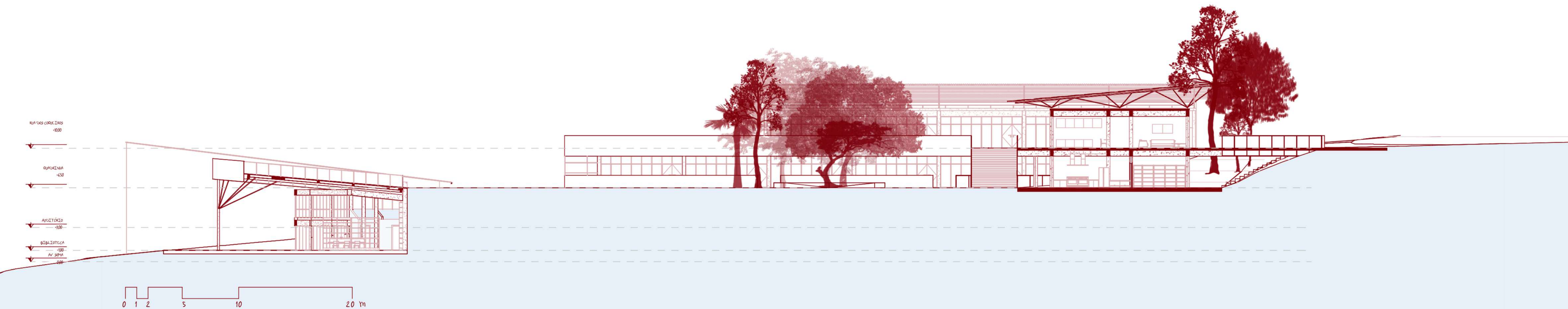
CORTES



CORTES

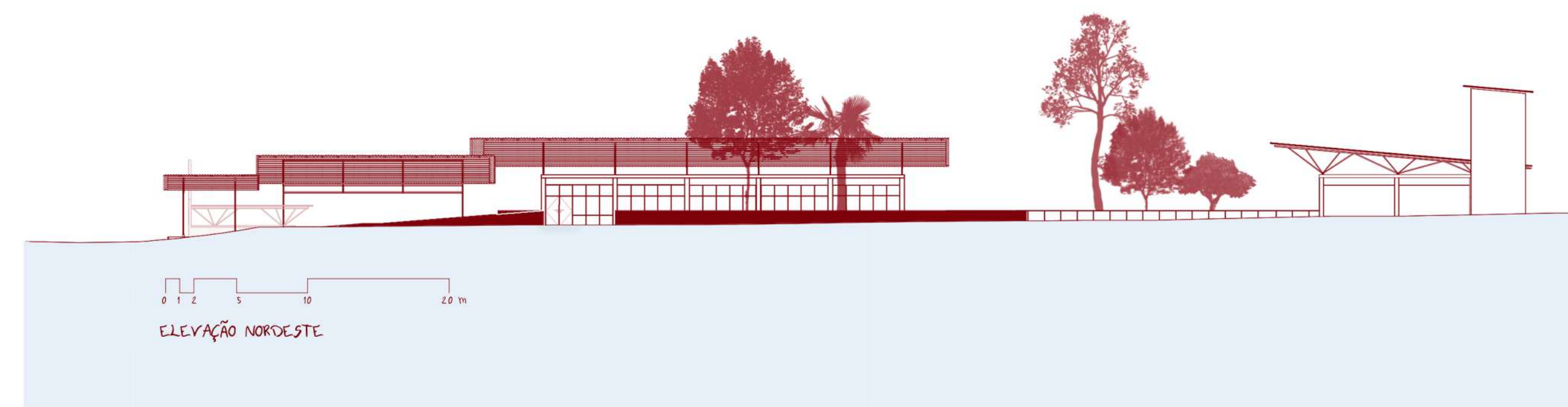
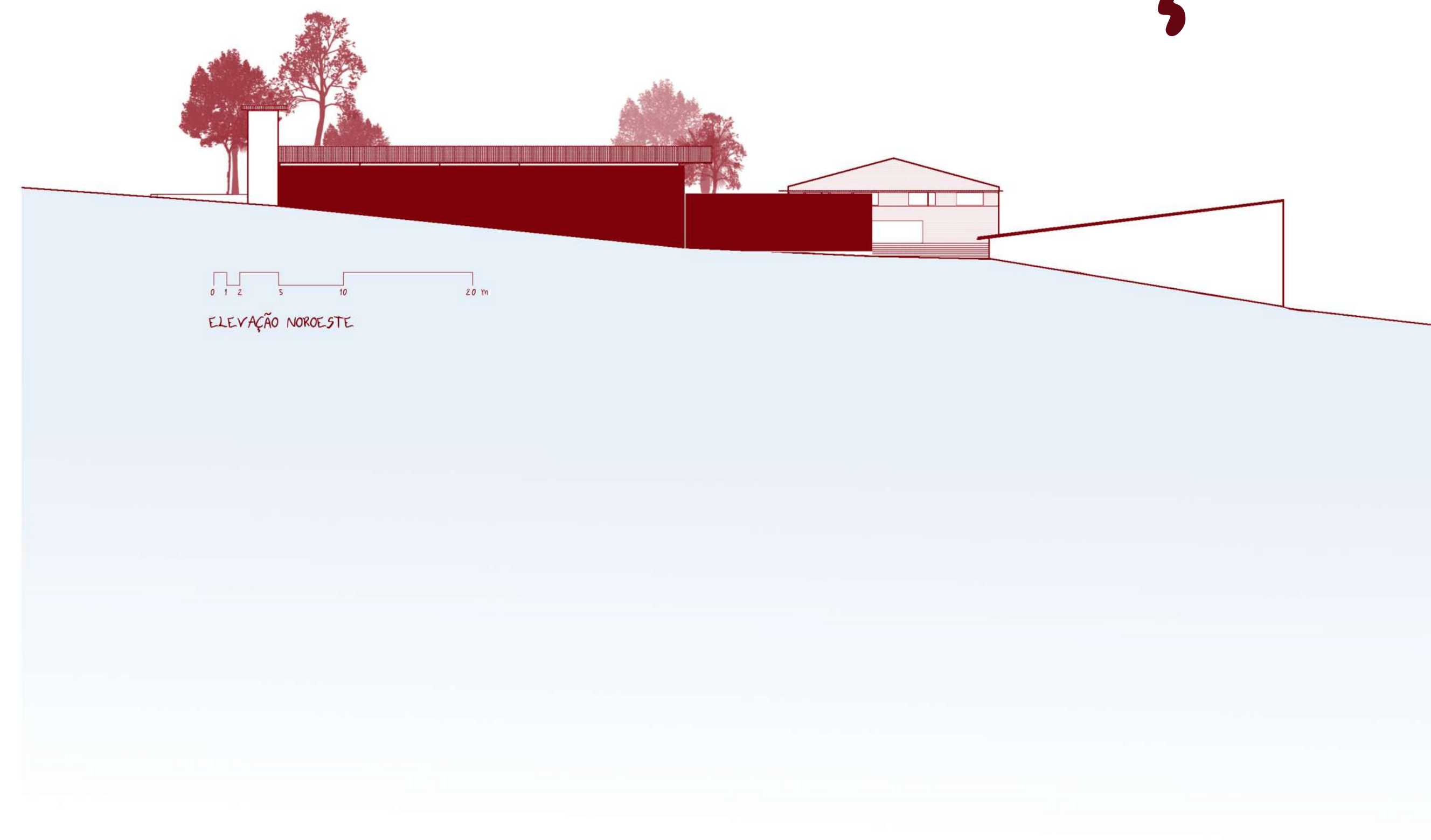
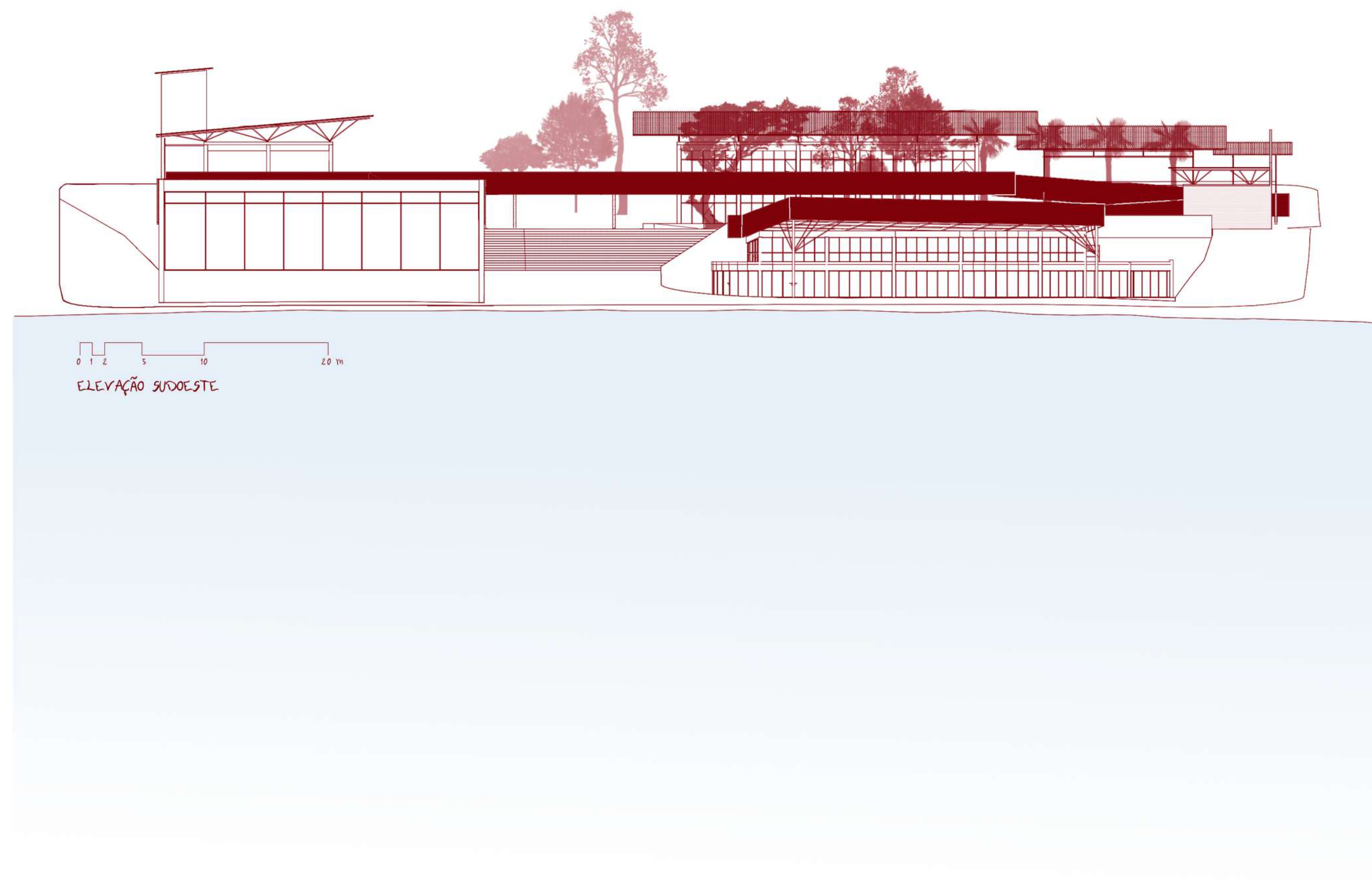


CORTES



CORTE CC

ELEVAÇÕES























CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de projetar sempre me foi muito ambíguo e excruciante. Ao mesmo tempo em que eu amava poder projetar, também me via cheia de incertezas. Bom, nada mais incerto para mim do que este projeto. Desde que comecei a tomar cada decisão projetual, me questionava se era aquilo mesmo, se eu estava seguindo pelo caminho certo. Logo entendi que não existe um caminho certo de projeto, existe projeto. Iniciei o final da minha graduação sem saber nem onde eu iria projetar, nem o que. No fim, escolhi um tema familiar, mas de um território que eu pouco conhecia de verdade, e quando o conheci, compreendi a complexidade da problemática. Foi tudo um desafio, desde o dimensionamento da escola e a quantidade de alunos que ela atenderia, em um bairro de 15 mil pessoas, até as minhas palavras neste parágrafo final. Tomei decisões, me arrependi de algumas, voltei atrás, reformulei e hoje o projeto está aqui. Terminei este projeto percebendo que isso é projetar e que aquele sentimento sufocante de querer fazer mil coisas em um único espaço, odiar todas as decisões, respirar fundo e recalculá-las a rota será rotina. Por fim, trabalhar neste projeto durante todo um ano serviu para ressaltar minhas ideologias e amarrá-las ao meu eu profissional, que está por vir, e seguirá com o desejo de que todos tenham direito e acesso ao lazer, à cultura e que tenham orgulho de suas lutas e de onde pertencem.



ICONOGRAFIA REFERÊNCIAS PROJETUAIS

figura 1:Complexo Educacional Bangre Veenem. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/949018/escola-secundaria-e-edificios-auxiliares-do-complexo-educacional-bangre-veenem-albert-faus?ad_medium=gallery

figura 2: Complexo Educacional Bangre Veenem. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/949018/escola-secundaria-e-edificios-auxiliares-do-complexo-educacional-bangre-veenem-albert-faus?ad_medium=gallery

figura 3: Complexo Educacional Bangre Veenem. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/949018/escola-secundaria-e-edificios-auxiliares-do-complexo-educacional-bangre-veenem-albert-faus?ad_medium=gallery

figura 4: Complexo Educacional Bangre Veenem. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/949018/escola-secundaria-e-edificios-auxiliares-do-complexo-educacional-bangre-veenem-albert-faus?ad_medium=gallery

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAETA, Rodrigo Espinha; NERY, Juliana Cardoso. Reflexões sobre intervenções arquitetônicas contemporâneas em ruínas. *Oculum Ensaios*, v. 14, n. 2, p. 217-240, 2017.

BUENO, Dioury de Andrade; URBAN, Ana Claudia. O PATRIMÔNIO CULTURAL NAS DIRETRIZES EDUCACIONAIS DE ENSINO DE HISTÓRIA PARA OS ANOS INICIAIS.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13/06/2024.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Editora Paz e Terra, 2018.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico* No129, 2012.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. *Revista Morpheus*, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, 2006. p. 01, 05 e 11.

Edinho, Coordenador da Vila Soma. Comunicação Pessoal. 01/05/2024

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. Primeira Infância Primeiro - Municípios: Sumaré, SP. Disponível em: <https://primeirainfanciaprimeiro.fmcsv.org.br/municipios/sumare-sp/>. Acesso em: 10/05/2024.

MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo. Global Editora, 2009. (CAPÍTULO 2)

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

Prefeitura Municipal de Sumaré. Plano Diretor. Disponível em: https://www.sumare.sp.gov.br/plano_diretor/files.php. Acesso em: 14/04/2024.

SABINO, Anderson Cordeiro. Ocupar e resistir na periferia da metrópole campineira o caso da Vila Soma-Sumaré-SP. 2017. Tese de Doutorado. [sn].



REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

ATLAS MNEMOSYNE

